

***O Cortiço* (1890) – Aluísio de Azevedo**
Autor do resumo: Jairo José Batista Soares



Aluísio de Azevedo

I – APRESENTAÇÃO E SINOPSE

O Cortiço (1890) é considerado a obra-prima da literatura do Naturalismo no Brasil. A história conta, em primeiro plano, a trajetória de João Romão, imigrante português pobre que começa a enriquecer graças a sua capacidade animal para o trabalho e à exploração da escrava de ganho Bertoleza, a quem toma por amante depois de mentir a ela que teria inteirado suas economias (das quais, na verdade, se apoderara) para comprar sua carta de alforria.

De uma pequena venda inicial, João Romão constrói um imenso cortiço, monta uma estalagem, adquire uma pedreira. Com o tempo, sua relação inamistosa com o dono de um sobrado vizinho ao cortiço, Miranda (também imigrante português que se tornara burguês depois de um casamento por interesse e que adquire o título de Barão), vai se transformando em inveja, o que o incentiva a mudar de vida e adentrar, aos poucos, o universo da alta sociedade. Por meio de um agregado de Miranda, Botelho, aproxima-se do barão e torna-se pretendente à mão de sua filha, Zulmira.

Para isto, João Romão precisa se livrar de Bertoleza, que se mantinha na mesma condição de trabalhadora miserável. Com a ajuda de Botelho, entrega-a ao antigo proprietário, o que provoca o suicídio da escrava.

Em paralelo à história de João Romão, são narradas as existências de muitos moradores do cortiço, destacando-se o romance entre Jerônimo, outro imigrante português, trabalhador hercúleo e exemplar, que troca a ingênua e fiel esposa Piedade pela mulata Rita Baiana, símbolo do ambiente tropical brasileiro que dobra o imigrante à sensualidade e à preguiça. A relação com Rita Baiana leva Jerônimo a assassinar seu amante, o mulato Firmo, o que provoca uma guerra entre o cortiço São Romão e o cortiço rival, o Cabeça-de-gato.

Durante a batalha, o cortiço é incendiado por uma das moradoras que enlouquecera, a Bruxa. A destruição não traz prejuízos a João Romão, que reconstrói e multiplica os cômodos, ampliando seu lucro e melhorando o nível de sua freguesia.

O grande personagem do romance é, na verdade, o próprio cortiço, tratado como um organismo vivo em cujo interior todas as vidas são destroçadas e atiradas à decadência, como bem exemplifica a história de Pombinha, moça bem-educada e bem-tratada que, criada naquele ambiente, não se acomoda à vida do casamento pequeno-burguês e opta pela prostituição ao lado da amante Léonie.

O Cortiço é a mais convincente obra fundada no estilo do Naturalismo a retratar a sociedade brasileira de seu tempo. Positivismo, Cientificismo, Biologismo, Determinismo, Darwinismo Social e tantas outras correntes de pensamento da época são manipuladas de maneira convincente de modo a mostrar ao leitor as misérias da sociedade e da natureza humana.

II – RESUMO DA OBRA



I

Dos treze aos vinte e cinco anos, João Romão, imigrante português, trabalha para um conterrâneo em uma venda no Botafogo. Quando o patrão retorna a Portugal, deixa-lhe a venda como parte do pagamento de seus salários. Põe-se ele, então, a trabalhar como besta de carga, como possuído de uma febre para enriquecer.

O vendeiro conhece Bertoleza, escrava de ganho, trabalhadora incansável como ele, quitandeira de grande freguesia que pagava aluguel de sua liberdade enquanto juntava o necessário para a carta de alforria. Passam a viver juntos e pouco tempo depois de amigados ele aparece em casa com a carta de alforria, dizendo

que havia inteirado o dinheiro para comprar a liberdade da companheira, com o que ela passa lhe ter verdadeira devoção, tornando-se em seguida sua amante, criada e caixeira.

Na verdade, João Romão havia forjado a carta de alforria e se apossado do dinheiro da crioula, com o que iniciou seu projeto de expansão dos negócios. Comprou algumas braças de terra ao fundo da taverna e construiu, à custa de roubos de materiais e trabalho próprio, três casinhas de porta e janela, ponto de partida para o cortiço São Romão. Aos poucos conquistava os terrenos em volta de seu comércio inicial, enquanto roubava o quanto podia na venda e economizava ao máximo nos seus gastos pessoais, até conseguir comprar um bom pedaço da bela pedreira que ficava aos fundos dos seus terrenos.

Por esta época, vendeu-se um belo sobrado que ficava à direita da venda e cujo flanco esquerdo limitava com o terreno de João Romão. Comprou-o um tal Miranda, negociante português de fazendas na Rua do Hospício. A causa da mudança era afastar sua mulher, Dona Estela, senhora pretensiosa e com fumaças de nobreza, do alcance dos seus caixeiros. Miranda casara-se por interesses: a mulher trouxera-lhe um dote de oitenta contos de réis sem o qual não conseguiria manter a posição social que tanto prezava. Conformou-se e passaram a viver em leitos separados, mas a mulher não conseguia resistir aos seus impulsos sexuais e procurava prazer nos empregados.

Certa vez, o Miranda, não conseguindo resistir ao desejo da carne, procurou-a. Ela fingiu dormir enquanto se oferecia à posse do marido. Miranda arrependeu-se no outro dia, mas um mês depois voltou a procurá-la. Quando a possuía, ela soltou-lhe uma gargalhada na cara, e agarrou-se a ele com prazer violento, o que o fez gozar ainda mais. A partir de então, viveram sentindo a mesma repugnância moral um pelo outro, mas entregues à lubricidade violenta. Passados dez anos, Miranda já não tinha os mesmos acessos de desejo, e ela entregou-se novamente à traição, daí afastá-la do centro, com a compra do sobrado no subúrbio.

O único defeito do imóvel era o pequeno quintal. Miranda pensava comprar algumas braças de fundo e de lado ao vendeiro, mas João Romão se mostrou inflexível, propondo inclusive arrematar o restante do quintal do comerciante. Durante algum tempo travaram uma luta surda. Como não se resolvesse o impasse, João Romão decidiu iniciar a construção de uma enorme estalagem com cortiço que dominaria toda a região do Botafogo.

À volta de seus terrenos, a cidade crescia: uma fábrica de velas, outra de massas italianas, ambulantes e operários que multiplicavam os lucros do vendeiro. Seus negócios prosperavam, seus depósitos estavam sempre abarrotados de todos os gêneros de mercadorias, a taverna virou bazar, sem o qual a população da região não sobrevivia. As casinhas do cortiço empilhavam-se rapidamente, até chegarem ao número de 95, formando um quadrilátero ameaçador sobre o sobrado do Miranda. Além das casas, João Romão, que mandara pendurar uma placa onde se lia “Estalagem de São Romão” no portão de entrada do cortiço, alugava também tinhas para as mulheres que viviam de lavar para fora.

“E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a fervilhar, a crescer um mundo, uma coisa viva, uma geração que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, a multiplicar-se como larvas no esterco”.

II

Durante dois anos, o cortiço de João Romão progrediu a olhos vistos, o que atiçava a raiva e a inveja de Miranda. Enquanto ele viera de Portugal e se achando muito esperto caíra nas garras daquela mulher que lhe enchia de desgostos, a ponto de não conseguir amar a filha, Zulmira, que não tinha certeza de ser sua, aquele vendeiro progredia graças aos seus esforços, sem dever nada a ninguém, apossando-se de tudo que o rodeava, como um animal feroz. A infelicidade fazia-o agarrar-se ainda mais à posição, e mexeu-se para realizar o sonho de tornar-se barão, abrindo a casa à sociedade, cumprimentando João Romão com ar de superioridade distante.

Por esta época, veio morar no sobrado o Henriquinho, filho de seu melhor freguês no interior, um rico fazendeiro. Estudava os preparatórios para o curso de medicina. A criadagem da casa compunha-se das meninas Isaura e Leonor e do Valentim, filho de uma escrava alforriada de Dona Estela e protegido desta, até mais do que a filha, a Zulmira. E havia também o Botelho, amigo antigo do Miranda, um pobre diabo nos seus setenta anos, que já se

aproximara um dia da riqueza, contrabandeando negros na África, mas que falira completamente. Apegara-se então ao Miranda, por necessidade. Suas paixões eram falar mal do Brasil e dos abolicionistas, a quem odiava, e acompanhar tudo que dizia respeito à farda: o militarismo era o seu fraco.

Botelho sabia se insinuar na família. Conhecia todas as histórias de Miranda e Estela, e também desta ouvira mais de uma vez chamar de besta ao marido, que ela dizia suportar por obrigação social. Certo dia, pilhara a senhora com o Henriquinho esfregando-se no muro que separava a casa do cortiço. Prometeu a eles que silenciaria e, quando se viu a sós com o rapaz, tentou aproximar-se dele acariciando suas mãos, dizendo que o achava bonito e simpático, o que causou repugnância no rapaz.

III

Numa quente manhã de dezembro, o cortiço desperta numa confusão de sons e cheiros. Homens, mulheres e crianças lavam-se à vista de todos e se amontoam para fazer suas necessidades matinais. Como em um formigueiro, todos se movimentam para o trabalho, destacando-se o grupo das lavadeiras.

Leandra, a “Machona”, portuguesa feroz e berradora, mãe da Ana das Dores, casada e separada, da Nenen, virgem ainda, e do Agostinho, menino levado dos diabos.

Augusta Carne-Mole, mulher do Alexandre, mulato da polícia, empertigado. Tinham filhos pequenos, entre eles a Juju, que morava com a madrinha, a cocote Léonie, que tinha sobrado na cidade e aparecia de vez em quando no cortiço.

Leocádia, mulher do Bruno, com terrível fama de pouco fiel ao marido.

Paula, cabocla velha, benzedeira e feiticeira, conhecida como “Bruxa”.

Marciana, mulher muito asseada, e sua filha Florinda, mulata ainda virgem e muito sensual, toda ela em idade e jeito de querer homem.

Dona Isabel, mulher que já tivera alguma posição, mas seu marido, dono de uma loja de chapéus, havia se suicidado depois de quebrado o negócio. Deixou-a sozinha, cuidando da Pombinha, a flor do cortiço, moça enfermiça e muito bonita, amada por todos no cortiço, que a todos atendia com favores, escrevendo cartas e bilhetes para qualquer ocasião. Pombinha era noiva de João da Costa, moço do comércio com algum futuro. O único empecilho ao casamento era que Pombinha não tinha chegado ainda à puberdade e, sem que a filha tivesse passado pelas “regras”, Dona Isabel recusava-se a entregá-la ao noivo. A pobre velha rezava a Deus para que sua filha se tornasse logo mulher, e todo o cortiço comentava o caso escancaradamente, torcendo para a felicidade das duas.

Por fim, o Albino, sujeito afeminado, lavadeiro que vivia sempre entre as mulheres, só saindo do cortiço por ocasião do Carnaval, quando se esbaldava na festa.

Entre os berros e risadas das lavadeiras, os demais moradores se mexiam. Entre eles, saíam para trabalhar o Delporto, o Pompeo, o Francesco e o Andréa, um grupo de mascates italianos.

Aparece um menino perguntando pela Rita Baiana, lavadeira que andava amigada do mulato Firmo e que sumira por uns dias, amiga da vadiagem.

Na estalagem, Domingos e Manuel, balconistas, esfalfavam-se para atender a freguesia. Bertoleza cozinhava freneticamente enquanto João Romão servia a comida. Enquanto isso, em um banco do lado de fora da venda, esperava pelo vendeiro um homem muito forte como touro. Como João Romão não o atendesse, pediu pressa. O dono da estalagem pediu a ele que almoçasse, pois só poderia atendê-lo depois da correria do almoço.

IV

Quem esperava por João Romão era o Jerônimo. Português como ele, vinha em busca de uma vaga de mestre na pedreira do vendeiro. Depois do almoço, foram os dois, debaixo do sol escaldante, até a pedreira, onde o homem forte como Hércules enxergou imediatamente o mau serviço que se fazia. Convenceu João Romão a pagar-lhe um salário maior do que pretendia, mas como o empregado moraria no cortiço e sua

mulher também lavava roupa para fora e alugaria uma tina, entraram em acordo: naquele dia mesmo o novo mestre da pedreira mudar-se-ia para o cômodo de número 35.

V

No dia seguinte, Jerônimo e sua mulher, Piedade de Jesus, mudaram-se para o cortiço, provocando comentários dos moradores. Ele, a mulher e uma filhinha tinham vindo tentar a vida no Brasil havia algum tempo. Trabalhador metódico e dedicado, com uma força de touro e inteireza de caráter, em pouco tempo filiou-se a uma ordem terceira, colocou a filhinha em um colégio interno e conseguiu, com a ajuda da mulher trabalhadora e honesta como ele, guardar algum dinheiro. No cortiço, rapidamente conquistou a admiração e o respeito de todos, inclusive de João Romão. Rapidamente botou a pedreira em ordem e produzindo riquezas para o patrão. Era o primeiro a acordar para o trabalho e o primeiro a se deitar, depois de jantar e gastar algum tempo tocando na sua viola portuguesa os saudosos e chorosos fados da terrinha, ao lado da mulher.

VI

É um domingo alegre de abril no cortiço. De roupa mudada, os moradores se divertem num rebuliço barulhento. Alguns se preparam para sair a passeio. Outros conversavam enquanto o almoço cozinhava já. Outros se amontoam na taverna para petiscar e beber alegremente.

A agitação aumenta com a chegada da mulata Rita Baiana, com um moleque que lhe carregava compras para uma peixada. Todos a recebem entusiasmados. Ela andava sumida pelos lados de Jacarepaguá num pagode de roça. Naquele dia mesmo, seu mulato, o Firmo, viria com um amigo para fazerem um pagode, o que deixou a todos excitados: as patuscadas de Rita Baiana eram as melhores do cortiço. Haveria festa da grossa, uma vez que a vizinha da Rita, a das Dores, também receberia um amigo para o jantar.

Enquanto tudo se preparava, Pombinha gastava seu domingo a escrever cartas nas quais os moradores derramavam suas paixões e ressentimentos.

VII

Às três da tarde, chegou Firmo, o homem de Rita Baiana, mulato espigado, capoeirista temido, bom tocador de violão, acompanhado de seu amigo Porfiro, malandro como ele, tocador de cavaquinho. Às cinco horas, começaram os jantares nas casas de Rita Baiana e das Dores. Jerônimo e a mulher foram convidados, mas não apareceram. Meia-hora foi o suficiente para a reunião transformar-se numa algazarra alegre, infernal. A bebida botava a todos lúbricos, a sensualidade a florava. Da casa do Miranda, observavam com desdém aquela bagunça, mas os moradores do cortiço não se incomodavam. A barulheira aumentou: da casa dos italianos, vinha a mesma animação ruidosa, e daí a pouco grupos barulhentos formaram-se por toda a estalagem, provocando um estouro de indignação do Miranda, que do sobrado esbravejava contra aquela confusão, o que lhe rendeu uma vaia assombrosa.

Miseráveis famintos apareciam e juntavam-se ao grupo para filar um trago e uns bocados de comida. Até o velho Libório apareceu e devorava tão sôfrega e porcamente a comida que lhe deram que acabou por engasgar-se. Albino chateava-se com as brincadeiras que lhe lançavam, mas era acalmado por Rita, de quem gostava muito. Bruno roncava enquanto a Leocádia enroscava-se com o Porfiro. Até que Firmo teve a ideia de saírem para tomar um ar fresco no pátio.

No sobrado do Miranda, espoucavam champanhas e também a alegria crescia. A noite chegou, os lampiões e as luzes das casinhas acendiam-se. Os do cortiço aproveitaram para fofocar sobre a vida do sobrado. Até que, à porta do 35, começou a gemer a guitarra do Jerônimo, entristecendo aquela tarde ruidosa.

Antes que o desânimo se abatesse sobre eles, Firmo e Porfiro atacaram um chorado baiano. A música crioula esquentou o sangue e assanhou como um veneno os moradores. Jerônimo abandonou a guitarra, entorpecido por aquela música estranha que continuava nele uma revolução iniciada quando pela primeira vez

teve de enfrentar o calor, os cheiros e os gostos do Brasil. Seguido por Piedade, que notava o estranhamento do marido, aproximou-se maquinalmente da roda de chorado.

Então surgiu Rita Baiana, de saia nova, ombros e braços nus, entrando no meio da roda e dançando num requebrado luxurioso e ofegante que levava todos ao delírio, numa animação sanguínea, enlouquecendo a todos com seus meneios de cobra. Jerônimo via e escutava, sentindo-se enamorar por aquela mulher que era uma síntese da natureza brasileira e seus encantos e feitiços. Ela era como um poderoso afrodisíaco que bambeava suas forças de trabalhador e excitava todos os seus sentidos com uma volúpia desconhecida, mas que há muito tempo, desde que ele chegara ao Brasil, já vinha trabalhando nele, transformando-o, sem que ele desse por isto, para aquele momento.

Piedade, tonta de sono, foi deitar-se, incapaz de tirar dali o marido enfeitado. Isaura e Leonor vieram do sobrado. João Romão e Bertoleza chegaram-se à roda. Até a família do Miranda, da janela, divertia-se observando a gentilha. Jerônimo só deu por si bem tarde, quando a roda se dispersou e ele viu Rita Baiana sendo levada para dentro por Firmo. A madrugada e o silêncio tomaram conta de tudo. Mas Jerônimo só conseguia pensar em Rita Baiana, naquela mulata cujos cabelos crespos, brilhantes e cheirosos envolveram-no, a partir daquele momento, como um ninho de cobras do qual não conseguiria fugir antes de ter seu coração devorado. O dia amanhecia já, era quase hora de trabalhar, e valia a pena esperar de pé.

VIII

No dia seguinte, à hora do almoço, Jerônimo voltou para casa indisposto, assustando a mulher, que logo apareceu com a Bruxa e outras mulheres a examiná-lo. Por último, apareceu Rita Baiana, o que logo animou o cavouqueiro. Ela lhe recebeu um café quente e forte com cachaça, que ele tomou de bom grado, para estranheza de Piedade, que nunca vira o marido tomar daquelas beberagens. Depois disso, Jerônimo adormeceu. Quando acordou, muito bem disposto, recebeu a visita de Rita, e num momento a sós tentou abraçá-la, mas foi repellido. Logo voltou Piedade, Rita se despediu.

Enquanto isso, lá fora, rebentava um escândalo medonho.

Tudo começara com as tentativas de Henriquinho de seduzir Leocádia. Esta provocava-o mas sempre se furtava. Até que ele ofereceu, do sobrado, um coelhinho que arrematara na noite anterior. Ela chamou-o com sinais para o capinzal dos fundos da estalagem. Mal ficaram sozinhos, o estudante atirou-se às carnes da lavadeira, enquanto segurava o coelho com as pernas. Mas foram surpreendidos pelo Bruno, o que fez Henrique fugir e, no atropelo da fuga, soltar o coelho. Bruno caiu de pancadas sobre a mulher, que se recusou a dizer com quem estava se atracando e se defendeu com uma pedra, ameaçando o marido.

Voltaram ao cortiço separados, aos berros, ameaçando-se. Primeiro, Bruno entrou para casa e jogou pela janela todos os trecos da mulher, saindo em seguida. Ao chegar e ver o estrago, Leocádia foi quem adentrou a casa e fez o mesmo com os pertences de Bruno, atirando-os à rua para que quebrassem. A tudo isso, a multidão de moradores assistia às risadas e fofocando, para saber com quem havia se metido a Leocádia. Bruno voltou decidido a escangalhar a mulher, mas foi contido pela multidão. Alguns moradores tentaram uni-los novamente, em vão. Dispersou-se o povo e Leocádia ficou sozinha, ajeitando os cacos que ainda prestavam em uma grande trouxa. Rita Baiana aproximou-se dela e saíram as duas do cortiço, à procura de um lugar onde a lavadeira pudesse ficar.

IX

Uma profunda transformação operava-se em Jerônimo. Trocara o vinho verde pela parati, o chá preto pelo café, o bacalhau com batatas pelo feijão com carne seca. Ganhara gosto pelas reuniões com amigos, na casa ou na venda. Tornara-se gastador e farrista. Sua sensualidade aflorava cada vez mais, enquanto a capacidade e a atração pelo trabalho diminuam. Enquanto isso, a S'ora Piedade de Jesus continuava a mesma, o que causava ânsias ao marido, cada vez menos interessado na comida que ela fazia, enjoado de seu cheiro azedo, enquanto se desdobrava nas amabilidades a Rita Baiana. Piedade não demorou a enxergar o que acontecia e foi pedir ajuda à

Bruxa, que lhe ensinava simpatias para trazer de volta o marido, todas sem efeito. Outro que também via cada vez mais claro e enraivecia-se era Firmo, que já não escondia sua antipatia pelo cavouqueiro português, o que deixava Rita Baiana apreensiva.

Por estes dias, um novo escândalo estourou no cortiço. Marciana descobriu que sua filha Florinda estava grávida de Domingos, o caixeiro da venda de João Romão. Enlouquecida, a lavadeira – seguida por uma multidão de mulheres – arrastou a filha até a estalagem para tirar satisfações. O vendeiro escondeu-se, pouco disposto a assumir a paternidade. O dono do cortiço protegeu o empregado da fúria das lavadeiras, prometendo que ele se casaria, e forçou a multidão a se dispersar. Quando se viu a sós com Domingos, disse que ele esperasse a noite para fugir escondido. Podia ir embora, mas não receberia nenhum dos seus direitos de empregado. Era aquilo ou ele lhe entregaria à mãe enfurecida.

O caso de Florinda dominou as conversas do cortiço durante todo o dia, e mesmo à noite dominou as conversas na roda que se formou em torno da ilustre visita de Léonie. A madrinha da Juju viera ver a comadre Augusta e o compadre Alexandre. Todos se encantaram com suas roupas e modos de cocote francesa, bem como com o figurino da afilhada, que imitava o da madrinha, inclusive no cabelo alourado à força. Os moradores idolatravam a beleza fina de Léonie, que era bastante atenciosa com todos, mas dedicou especial atenção a saber de Pombinha, que fora à sociedade de dança com a mãe. Quando Pombinha chegou, já à saída de Léonie, teve de prometer à cocote que iria com a mãe à cidade, visitá-la, no domingo seguinte.

X

No outro dia, a casa do Miranda estava agitada: o *Jornal do Comércio* trouxera a notícia de que Sua Excelência fora, enfim, agraciado com o título de Barão do Freixal, o que exigiu preparativos urgentes para uma grande comemoração no dia seguinte, um domingo, quando o comerciante receberia a alta sociedade que viria parabenizá-lo pela conquista.

No cortiço, Marciana procura João Romão para saber que providências tomaria quanto ao Domingos, o sedutor da Florinda. O vendeiro apenas disse que o rapaz fugira e despachou-a. Ela, desesperada, foi à procura do subdelegado, mas voltou ainda mais desesperançada: sem dinheiro para sustentar advogados, não havia como forçar o rapaz a casar. Durante as idas e vindas, não deixou de espancar a filha o quanto pôde, e ao chegar em casa dedicou-se à sua mania: lavar a casa até que ela ficasse brilhando, como se descontasse nos pisos e paredes sua raiva da filha, de João Romão, do caixeiro, da justiça, da vida. Quando a menina, que a ajudava, começou a chorar, atirou-se sobre ela para espancá-la novamente, mas Florinda pulou a janela e fugiu. O fato deixou a lavadeira transtornada, e ela se pôs a imprecar contra João Romão, que, de muito mau humor, ordenou que ela despejasse o cômodo e se mudasse do cortiço.

A causa da irritação do vendeiro dono do cortiço era justamente o título do Miranda. Ele, que nunca invejara o vizinho, de repente, frente ao sonoro título de “Barão”, deslumbrou-se e irritou-se. Comparou sua vida de trabalhos e misérias, deitado ao lado de uma negra suja, vestido com trapos, lidando com uma gente grossa, no meio da fedentina do cortiço, e começou a sonhar com o mundo delicioso de rapapés e invejas que aquele título – “Barão!” – lhe fazia imaginar.

Naquele dia, a casa do Miranda resplandecia, e João Romão tinha o coração moído de inveja. Um desgosto negro e profundo, um desejo de alçar-se às alturas do vizinho e um sentimento de incapacidade para adentrar aquele mundo dos ricos, dos superiores, roia-lhe as entranhas.

Ao longo do dia, seu humor espalhou-se pelo cortiço. Brigou com Bertoleza, com o velho Libório, com os frequentadores da rinha de galos, com os italianos. Por fim, vendo que a velha Marciana, apatetada desde a fuga da filha, não desocupara o cômodo 12, foi buscar dois homens que despejaram suas coisas na rua, fora da entrada do cortiço. A tudo a lavadeira assistia como boba, sem dizer palavra. Muitos moradores tentaram animá-la, sem sucesso.

No sobrado, a festa não desanimava um minuto, com música, quadrilhas e valsas, desarrolhar de garrafas, risos, foguetório. Também não diminuía o mau humor de João Romão, que ralhava mesmo com o Jerônimo, cada

vez mais relaxado no serviço por causa de Rita Baiana. Piedade tentou defender o marido, mas antes que se armasse uma gritaria dos diabos entre os dois, caiu uma chuva grossa, alagando o pátio do cortiço, para a alegria das crianças.

João Romão recebeu um cartão de Miranda convidando-o à recepção. Ficou lisonjeado, mas recusou o convite. Depois sentiu raiva do vizinho, logo convertida em admiração e sonhos de um dia vestir roupas finas, usar sapatos lustrosos, gravatas e um relógio de grossa corrente de ouro. Passou o dia brigando com os fregueses. Como alguém trouxesse Mariana para dentro da venda, abrigando-a da chuva por pena, foi buscar a polícia para encaminharem-na ao xadrez, estava realmente maluca, mas ninguém parecia mais se impressionar com aquilo, exceto a Bruxa, que não parava de a fitar.

Com o cessar da chuva, a festa continuou fervendo no sobrado, enquanto o cortiço se animava com um forrobodó armado na casa de Rita, que recebia o Firmo. Naquela noite, a mulata estava de veia para a dança e o canto. E suas provocações sensuais atiçaram Jerônimo até o ponto de Firmo e ele se enfrentarem.

A princípio, o mulato levava vantagem, com seus golpes infernais de capoeira. Mas o português foi até a casa e voltou armado de um cacete, seu varapau minhoto, que desferia de longe fortes porretadas no adversário. Rita a tudo assistia, em silêncio, no fundo orgulhosa de ver dois homens tão valentes se baterem por sua causa. A vitória pendia para o Hércules português, até que o capoeirista brasileiro, numa cambalhota ágil, surgiu a sua frente como um demônio e cortou-lhe o ventre com uma navalhada.

A multidão assistia à cena aos gritos. Os apitos estrilaram no sobrado, chamando a polícia. Rita e Piedade, desesperadas, clamavam por um médico, enquanto Firmo escapulia pelos fundos. Em breve, a polícia forçava o portão do cortiço, enquanto os moradores, liderados por João Romão, tratavam de defender seu território, pois sabiam que a entrada dos “morcegos” significaria ter todos os seus trecos destroçados. Homens e mulheres armaram-se e enfrentaram os policiais, em menor número e incapazes de conseguir romper a barreira construída às pressas. Quando conseguiam escalar a barricada, eram recebidos a pedradas e pauladas.

No meio da confusão, surgiu Nenen aos gritos de “Fogo!”. O número 12 ardia em chamas. Os moradores, apavorados com a possibilidade de perder tudo, atiraram-se a combater as chamas, dando a ocasião para a entrada dos soldados, que distribuíam espadeiradas a torto e a direito, quebrando o que encontravam pelo caminho. Por sorte, um pé d’água furioso desabou, apagando o fogo e os ânimos.

XI

Fora a Bruxa, por influência da loucura da Marciana, quem ateara fogo ao número 12, mas ninguém desconfiou e o autor do incêndio ficou desconhecido. O dia seguinte foi de labuta para todos. João Romão apressou-se em ordenar o conserto do portão e dos demais estragos, e compareceu à delegacia com uma legião de moradores. Na confusão em que todos falaram, ninguém foi responsabilizado e tudo ficou como se nada houvesse acontecido.

Jerônimo foi socorrido às pressas por um médico que estava na festa do sobrado do Miranda. No dia seguinte, foi cuidado com desvelo por Rita, atraída por aquela dedicação de apaixonado do português. Piedade assistia aos carinhos da mulata ao seu homem sem forças para se opor. Na manhã de terça-feira, foi encaminhado à Ordem de Santo Antônio, onde devia se recuperar.

Naquele dia, o cortiço amanheceu mais animado, o formigueiro se mexia novamente. Apenas Pombinha sentia-se mal. O passeio na casa de Léonie deixou-a prostrada de vergonha. Na casa da cocote, sua mãe deitara-se um instante para descansar, e a prostituta atirou-se sobre ela, devorando-a com beijos quentes, afagando-lhe a cintura, o colo, as coxas. Pombinha tentou resistir, mas foi praticamente forçada por Léonie a despir-se. Por mais que fizesse, a outra não se desgrudava dela, roçando seu corpo nu de mulher em seu frágil corpo virgem de menina, até atingir um gozo animal, esfregando-se e corcoveando de encontro a suas partes mais íntimas, agarrando-lhe os cabelos e enchendo-a de beijos molhados.

Quando, enfim, gozou, deixou a menina que se apressou a colocar a roupa, chorando. Léonie fez de tudo para acalmá-la. Quando Dona Isabel acordou, disfarçou-se o desconforto. Jantaram as três, mas já no caminho para o cortiço Pombinha sentia-se triste, amuada, aborrecida, o que preocupou a mãe.

No dia seguinte, incapaz de dormir e mesmo de tocar na comida da mãe, a menina saiu a passear no capinzal dos fundos, precisava de ar. Ao mesmo tempo em que se sentia triste e envergonhada, seu corpo não deixava de sentir uma excitação inexplicável. Estava um dia quente. Pombinha deitou-se por um tempo no capinzal e adormeceu.

Sonhou que em volta dela tudo se fazia cor-de-rosa, até tingir-se todo o mato de um vermelho vivo, cor de sangue. Viu-se nua, deitada entre pétalas gigantescas de uma rosa infinita, macia e aveludada. Lá no alto, o sol a fitava com desejos, até tornar-se uma borboleta de fogo que começou a adejar em torno dela. Cada vez que se aproximava, a borboleta fazia ferver seu sangue de moça. Lúbrica, ela empinava o colo em direção à borboleta de fogo, com desejos de ser abraçada por ela. A rosa em que estava deitada arregaçava-se atraindo a borboleta de fogo, que se aproximava, mas nunca pousava, até que em certo momento sacudiu suas asas e uma nuvem de poeira cobriu a donzela, que explodiu em suspiros e gemidos de prazer. Nisso, Pombinha acordou, aos gritos, e percebeu saindo de suas entranhas o sangue da puberdade. A natureza ensolarada envolvia a moça, um sino batia, longe, alegremente, as doze badaladas do meio-dia.

XII

O cortiço ficou eufórico com a novidade. Desde a briga entre o capoeira e o cavouqueiro, que tudo entristecera. Não havia mais festas na casa de Rita Baiana. Firmo, foragido, fora proibido de lá aparecer por João Romão. A mulata só queria saber de cuidar de Jerônimo. Piedade passava o tempo a se lamentar de desgosto. Bruno sofria com a falta de Leocádia.

Mas na casa de Dona Isabel tudo se arranjava para o casamento rápido de Pombinha. Depressa o noivo fora avisado. Depressa começou-se a preparar o enxoval e a casa onde iriam morar. Depressa Pombinha adquiria formas voluptuosas de mulher.

Num domingo, atarefada com o enxoval, a moça foi procurada por Bruno. Muito sem jeito, envergonhado e chorando, ele pediu a Pombinha que escrevesse uma carta a Leocádia, dizendo-lhe que perdoava tudo, que ela voltasse para casa. Pombinha, incrédula frente aquele homem traído que se humilhava, subitamente teve a exata noção do poder das mulheres, do seu poder, afinal, sobre os homens. A flor do cortiço, entre sorrisos pela descoberta, criava garras. Sua memória recuperou tantas histórias miseráveis de paixões como a do Bruno que ouvira à sua escrivinha. A descoberta deliciosa de sua força e da miséria dos homens veio acompanhada da exata noção da fraqueza do seu futuro marido e da consciência de que ela nunca seria capaz de amá-lo e respeitá-lo o suficiente.

Uma semana depois, quando saiu de casa vestida de noivo, para a admiração dos moradores do cortiço, estava pronta para desferir seu grande voo de mulher.

XIII

A população do cortiço crescia e se transformava, como as casinhas. Pompeo e Delperto foram varridos pela febre amarela. Na mesma rua, apareceu outro cortiço, o Cabeça-de-Gato. João Romão, com medo da concorrência, fomentou a rivalidade, que pegou fogo. Os que moravam no São Romão se autointitularam “carapicus” (nome do peixe que Bertoleza costumava limpar para vender à porta da taverna). Os rivais ergueram uma bandeira amarela; os carapicus ergueram uma vermelha. Cedo ou tarde haveria um conflito. Os inimigos eram liderados pelo Firmo, que para lá se mudara com o Porfiro. Ele e Rita encontravam-se pouco e às escondidas; a recuperação de Jerônimo preocupava o capoeira.

João Romão, percebendo que a rivalidade era boa para os negócios, dedicou-se então a sua preocupação maior: alcançar Miranda. Desde o baronato do vizinho, o vendeiro transformara-se: comprou boas roupas e sapatos, entrou para um clube de dança, frequentava o Passeio Público e o Teatro São Pedro de Alcântara,

assinava vários jornais e lia romances franceses traduzidos, mandou reformar o cômodo em que dormia, passou a comer usando talheres e guardanapo e a beber bons vinhos. Também não servia mais ao balcão e principiava a negociar na bolsa, em altas especulações das quais sempre se saía bem. Aproximou-se do Miranda, que o convidou para o aniversário da esposa, mas João Romão, não se sentindo pronto, recusou o convite.

À medida que o vendeiro subia, Bertoleza mais se enterrava como escrava rasteira entregue ao trabalho. Sentia-se abandonada e entristecida.

Outro de quem João Romão se aproximava era o Botelho. O agregado do Barão, parasita experiente, foi quem sugeriu ao dono do cortiço um casamento com Zulmira. Ele trataria do negócio por algum dinheiro, vinte contos de réis. Trato feito, num domingo João Romão fez a primeira visita oficial ao sobrado do Miranda. Ensaiou muito para a ocasião, e apesar de desajeitado e suando muito dentro da roupa nova, não se saiu mal naquela noite de rapapés. Respirou aliviado ao pôr os pés na rua. Mas, ao chegar a casa, devaneando em seu futuro de ouro, deparou com a Bertoleza, que roncava na cama. Súbito, o estorvo que aquela mulher representava aos seus planos de casamento desenhou-se nítido em sua mente. O que fazer? Sem conseguir dormir, sua mente fixou-se nesta ideia: – E se ela morresse?

XIV

Mais de três meses se passaram da noite da navalhada. As coisas entre Firmo e Rita, que se encontravam às escondidas, iam de mal a pior. Até que, certo domingo, ele esperou e ela não apareceu. Saiu irritado e pôs-se a beber. Um cabeça-de-gato veio lhe informar que o Jerônimo voltara para casa, e o capoeira sobressaltou-se. Voltou a beber tramando vinganças.

De fato, Jerônimo voltara. Em casa, mostrava-se irritado com a mulher, e ao receber a visita de Rita Baiana declarou-se a ela que, sem muita convicção, rejeitou-o. Foram interrompidos por Piedade, que anunciava a chegada de dois homens querendo falar com o cavouqueiro. Eram o Zé Carlos e o Pataca, que cearam com Jerônimo e saíram com ele para o bar do Manuel Pepé, onde tramaram matar o Firmo naquela noite mesmo, com uma surra de pauladas, serviço pelo qual o Jerônimo pagaria quarenta mil-réis a cada um.

Jerônimo voltou ao cortiço, mas reencontrou os amigos no mesmo bar, ao cair da noite. Beberam juntos mais um pouco, e foram à procura do Firmo, no bar do Garnisé, levando consigo três paus bem pesados, escondidos. À entrada do bar, o Pataca entrou e os amigos ficaram à espreita.

XV

No bar do Garnisé, Pataca encontrou Florinda, que desde que fugira do cortiço amigara-se já com vários homens, que ia trocando sempre que lhe aparecia coisa melhor. Ficaram conversando em uma mesa com outras até que apareceu o Firmo, embriagado a valer. Pataca ofereceu-lhe uma cerveja e contou-lhe que vira a Rita Baiana ali perto, com outro, na Praia da Saudade. Firmo saiu furioso, cambaleando.

A praia estava deserta. Chovia fino. Pataca abraçou Firmo de repente e Jerônimo e Zé Carlos caíram sobre ele. Tiraram-lhe a navalha, e ele soube que estava perdido. Tentou defender-se com gingados, mas estava demasiado bêbado. Os três caíram sobre o capoeira com os porretes e malharam-no até transformá-lo em uma trouxa de carne mole e ensanguentada que lançaram ao mar.

Molhados pelo chuvisco, os assassinos fugiram para o Catete, desceram pela Praia da Lapa e foram acertar o pagamento e beber alguma coisa quente em um botequim da Rua da Glória.

À uma da madrugada, Jerônimo retornou ao cortiço. Havia luz acesa em sua casa, mas preferiu dirigir-se em silêncio à de Rita Baiana, que passara a noite aflita, pensando que Firmo não a perdoaria por ter faltado ao encontro. Mas o fato é que sua alma de mulata ansiava por entregar-se a Jerônimo, animal superior, bom e forte.

Assustou-se com a chegada de Jerônimo, molhado, com olhar de ébrio, as mãos encardidas de sangue. O português apresentou-lhe a navalha do amante e propôs que ficassem juntos. Mudariam dali. Ele deixaria dinheiro à mulher e continuaria a pagar o colégio da filha. Ela não hesitou.

Ao se dar conta de que ele vinha encharcado de chuva, tirou-lhe a roupa e o fez deitar-se na cama. Serviu-lhe uma dose de parati e fez-lhe um café quente. Depois, retirou a saia e atirou-se sobre ele. Então, amaram-se como bestas-feras, sentindo a alma queimar como ferro em brasas. Jerônimo, enfim, podia afogar-se nos cheiros da mulata, apertar em suas mãos aquela carne quente e palpitante, matando a sede e a fome que há tempos o consumiam.

XVI

Piedade passara a noite acordada e aflita à espera de Jerônimo. No início da madrugada, julgara ouvir vozes chamando do lado da casa, mas não teve coragem de sair para ver quem era. A chuvarada só fez aumentar seus maus presságios. Ao amanhecer, saiu à procura de seu homem. Lamentou-se quanto pôde com as amigas lavadeiras, mas ninguém tinha notícias do cavouqueiro. Pela metade da manhã, ergueu-se agitada e foi até o capinzal, desorientada, blasfemar contra a luz amaldiçoada daquele sol tropical que incutira no corpo de seu marido luxúrias de bode. Como tinha saudades da terrinha!

Ao meio-dia, saiu à cidade à procura de notícias do marido, ao mesmo tempo em que Rita foi almoçar com Jerônimo para tratar da sua mudança. Também voltaram quase ao mesmo tempo, e encontraram o cortiço em polvorosa com a notícia da morte do Firmo e as ameaças de vingança dos cabeças-de-gato contra os carapicus.

Piedade vinha furiosa. Tivera notícias do marido: fora visto à noite no bar do Garnisé. Alguém o avistara de madrugada no capinzal. Deduziu daí que Jerônimo tinha enchido a cara de parati e passado a noite na casa de Rita Baiana. A notícia da morte do Firmo a deixou tonta: será que seu homem tivera coragem de fazer aquilo pela mulata?

Quando cruzou com Rita Baiana, quando esta chegava ao cortiço, Piedade imediatamente pediu satisfações quanto a Jerônimo, que Rita não quis dar. As duas iniciaram uma furiosa briga, assistida por todos do cortiço – os portugueses torcendo por Piedade, os brasileiros, por Rita, que a certa altura dominou a outra e lhe desferiu bons sopapos. Alguns quiseram intervir para separá-las, o que atiçou o tumulto e degenerou em uma batalha entre “galegos” e “cabras” que tomou todo o cortiço. João Romão trancou-se na estalagem e armou-se disposto a defender seu dinheiro.

No melhor do rolo, um coro de vozes anunciou que os homens do Cabeça-de-Gato marchavam para iniciar a guerra contra o São Romão. Queriam vingar a morte de Firmo.

XVII

Os carapicus cessaram a confusão e armaram-se rapidamente como puderam. Uma linha de homens comandada pelo Porfiro era a vanguarda dos cabeças-de-gato; outra linha de valentes do São Romão combatia-os. Uma luta medonha de capoeiristas começou. Da janela do sobrado, o Botelho, excitado, comandava o ordenamento das forças aos berros, como um general assistindo a uma batalha.

De repente, um fato novo pôs fim à guerra. Uma gigantesca labareda de fogo ergueu-se do número 88, nos fundos do cortiço. Era a Bruxa que, enlouquecida, enfim conseguia realizar seu sonho de tacar fogo ao mundo. Surgiu ela na janela da casa em chamas rindo-se como uma fúria saindo do inferno.

Os cabeças-de-gato se retiraram. A multidão corria com os baldes de água. Os bombeiros não tardaram em aparecer para tentar controlar o fogo.

XVIII

No meio da confusão, João Romão notou que o velho Libório, em vez de fugir do fogo, correu desesperado ao seu buraco. Seguiu-o e o viu retirar de seu colchão imundo uma coleção de garrafas, abraçá-las e, no momento em que fugiria do incêndio, cair no chão entre gemidos e golfadas de sangue.

O vendeiro não tardou em notar que as garrafas estavam atochadas de cédulas. O velho fez de tudo para abraçar-se a elas, mas João Romão se apoderou do botim e deixou Libório ali, nos estertores da morte, enquanto corria para casa para esconder o seu tesouro.

À meia-noite, tudo acabara. Na manhã seguinte, muitos ostentavam os ferimentos causados pela batalha ou pelo combate ao incêndio. Entre os destroços, encontraram os corpos da Bruxa e do Libório, além do cadáver de uma das filhinhas de Augusta e Alexandre, que ficaram desconsolados. Rita Baiana desaparecera da estalagem durante a confusão e Piedade caíra de cama, com um febrão.

Miranda veio logo cedo lamentar ao vizinho a catástrofe. Mas João Romão não se abalou: havia segurado a construção e receberia pelo incêndio um bom dinheiro. Pretendia reconstruir tudo, com nova ordem: uma longa fila de casas em forma de sobrado, de quatrocentos e oitocentos cômodos para aluguel, melhores e mais caros que os destruídos! Miranda, admirado, parabenizou-o.

Durante todo o dia, João Romão tomou providências para organizar a confusão em que se transformara o que restou do cortiço. À noite, pelas dez, recolheu-se exausto, tomou as garrafas que roubara e examinou-as. Dentro delas, havia mais de quinze contos e quatrocentos mil-réis válidos! Mais oito contos e seiscentos mil-réis em cédulas que já haviam saído de circulação, fato que o vendeiro muito lamentou. Mas dormiu rejubilando-se: aquele dinheiro serviria bem para começar as obras imediatamente.

XIX

De fato, em poucos dias começaram as obras que duraram meses. Mas ninguém se mudou: João Romão ajeitou lugar para todos. Piedade vivia agora entregue a lamúrias e resmungos; emagrecia sensivelmente. Leocádia, que fora visitar Bruno no hospital onde se internara para tratar dos ferimentos da batalha com os cabeças-de-gato, retornou para o marido, mais contida em suas aventuras.

As novas construções impressionavam pela ousadia. Para coroar tudo, também a estalagem entrava em obras: João Romão construiria ali um sobrado maior do que o Miranda, quatro janelas de frente, oito de lado, com terraço ao fundo. O armazém aumentaria e ainda ganharia depósito vasto.

João Romão fazia-se cada vez mais íntimo do Miranda e do Botelho. Só andava de paletó e gravata. Comia e bebia em locais caros, aplicava bem na Bolsa e tornava-se íntimo de capitalistas afamados. Apenas um empecilho persistia em sua vida: Bertoleza.

Esta compreendia bem que fora abandonada pelo seu amante. Sentia-se a mancha negra na vida dele, retornava agora a sua condição de apenas escrava. Certo dia, a negra chorou ao ouvir uma conversa em que Botelho convencia João Romão a pedir logo a mão de Zulmira ao Barão.

Por outro lado, Jerônimo empregara-se na pedreira de São Diogo e fora morar com a Rita numa estalagem da Cidade Nova. Gastaram dinheiro para mobiliar a casa, que ficou perfeita para aqueles primeiros tempos de amor insaciável entre os dois. Jerônimo se abraseirara depressa: tornara-se sensual, preguiçoso, gastador e farrista.

Também Piedade de Jesus mudara. A única maneira que encontrara de enfrentar a felicidade fora a bebida, que entornava diariamente. Sua única felicidade eram os finais de semana ao lado de sua bela filha, que vinha agora quase sempre ao cortiço. Os moradores logo adotaram a menina como objeto de veneração, em substituição a Pombinha, e apelidaram-na de Senhorinha.

Um dia, a criança de nove anos apareceu com uma conta de seis meses da pensão do colégio. Piedade, furiosa e desesperada, foi pedir satisfações ao marido, que apareceu com ar triste de bêbado envergonhado, o que deixou a lavadeira estupefata. Abraçaram-se comovidos das suas desgraças e choraram juntos. Jerônimo mandou-a de volta para casa prometendo pagar os atrasados do colégio da menina, o que não conseguiu cumprir, apesar dos remorsos que o martirizavam.

Da outra vez em que Piedade apareceu, acompanhada da menina, o cavouqueiro estava bêbado e feliz. Forçou Rita e Piedade a “fazerem as pazes”. Jantaram juntos naquele domingo. Exceto Senhorinha, constrangida, todos, à hora da sobremesa, estavam chumbados. Quando a mãe falou na dívida do colégio, Jerônimo

encolerizou-se, armou-se uma cena e ele acabou por expulsá-las de sua casa, afirmando que não mais pagaria as contas da filha.

Depois, Rita consolou o marido. E Senhorinha, no caminho para casa, tentava secar as lágrimas da infeliz mãe.

XX

Piedade chegou ao cortiço às nove horas, colocou a filha para dormir, bebeu um bom gole de aguardente e saiu em busca da alegria alheia para espantar a sua tristeza.

O cortiço estava mudado. Não havia mais pátio, que se estreitara entre duas longas fileiras de casas. Os cômodos passavam de quatrocentos. Um dos mais limpos e decorados era o do Albino, que apesar do asseio tinha de lutar constantemente contra as formigas que brotavam debaixo de sua cama saídas não se sabe de onde. Bruno e Leocádia agora viviam bem. Augusta Carne-Mole e o Alexandre amontoavam filhos. E toda uma nova classe de moradores, empurrada pela carestia, amontoava-se nas casas: estudantes pobres, contínuos de repartição pública, caixeiros de botequim, artistas de teatro, condutores de bondes, vendedores de bilhetes de loteria. Os italianos se multiplicavam, empestando o local com seu lixo de frutas e suas quinquilharias de mascates. Construíram-se mais latrinas, torneiras e banheiros e muitos lampiões iluminavam a alameda e a entrada do imponente sobrado novo. Uma imponente placa ostentava agora as letras “AVENIDA SÃO ROMÃO”.

O Cabeça-de-Gato fora vencido, afinal. Só os decaídos ou muito pobres iam para lá. Já não existia mais rivalidade. Os forrobodós do cortiço agora só aconteciam dentro das casas, em pequenos grupos; o chorado, a cana verde e os fados foram substituídos pelas quadrilhas e polcas.

Piedade dirigiu-se à entrada da casa de das Dores, onde havia um pequeno grupo. Embebedou-se logo e animou-se, tornando-se a boba da festa, assediada pelo Pataca, dançando e imitando os demais moradores e até a Rita Baiana. Quando João Romão chegou da casa do Miranda, dispersou-os com uma forte reprimenda à portuguesa, que foi arrastada para casa pelo Pataca, que entrou e pediu pão e bebida.

Enquanto comiam e bebiam, ela derramou-se em soluções narrando o que lhe sucedera aquela tarde na casa de Jerônimo. O Pataca reprimiu-a e insinuou-se para ela. A pequena, que acordara com o barulho, veio na ponta dos pés e escondeu-se a um canto da sala, assistindo à cena de bebedeira e à fornicção do homem para cima de sua mãe embriagada. Enfim, quando ela pensou em arranjar uma xícara de café, ele agarrou-a de qualquer jeito perto do fogão. Cambalearam até o chão. E depois de possuída Piedade desmaiou de bêbada. Pataca tentou levantá-la, mas ela vomitou-se muito. Enquanto carregava-a para a cama, foi surpreendido por Senhorinha, que, aflita, queria saber o que tinha a mãe.

Ele tranquilizou-a. Disse que a mãe estaria boa no outro dia. A menina rebentou em soluções, enquanto o Pataca saía a dar encontrões nos móveis, irritado por não haver café.

XXI

Ao mesmo tempo, João Romão, em seu quarto, preocupava-se com Bertoleza. Miranda, nesta noite mesmo, lhe confirmara que estava acertado o arranjo para o casamento com Zulmira. Mas o que fazer com a companheira que lhe servira tanto tempo e que dormia como um animal no cômodo de baixo? Sonhava com o futuro promissor ao lado da brasileira fina, galgando posições até conquistar o título de Visconde, depois uma viagem à Europa, respeitado e admirado como milionário. Mas, e Bertoleza?

E se ela morresse?... E se ele a matasse?... Desceu até o quarto da infeliz e, contemplando-a com raiva, pensou em esganá-la ali mesmo. Mas a escrava acordou e ele voltou ao quarto. Só conseguiu pregar o olho alta madrugada, mas dormiu pouco, porque uma nova tragédia o acordou logo às sete horas da manhã.

Agostinho, o filho da Machona, fora brincar na pedreira com alguns moleques e despencou lá de cima. Seu corpo quicou pelas pedras de uma altura de duzentos metros. Trouxeram à mãe uma massa de ossos quebrados e carne retalhada, o que comoveu a todos no cortiço e deixou a Machona alterada, bramindo e vagindo como um monstro ferido de morte sobre o cadáver da cria.

Pouco depois do café, chegou o pelo Miranda, que vinha lhe falar de um assunto delicado no qual ele e o Miranda haviam evitado tocar, mas que se tornava urgente: o que João Romão pretendia fazer com Bertoleza? Todos sabiam de sua ligação com aquela mulher. Não se podia arranjar casamento sem resolver aquele problema.

Sentaram-se à mesa do almoço e, enquanto conversavam sobre que fim dar à velha negra, foram interrompidos por ela, que escutava, à espreita, a conversa. João Romão prometeu arranjar para ela uma quitanda e uma vida tranquila, mas Bertoleza recusou-se terminantemente: queria ficar com ela, queria gozar do que o ajudara a acumular ao longo da vida. João Romão perdeu a paciência e saiu de casa, acompanhado do Botelho, que tentava acalmá-lo.

Enquanto passeavam, conversavam, até que encontraram uma solução: João Romão restituiria a escrava ao seu antigo dono. O Botelho, por duzentos mil-réis, encarregar-se-ia de encontrá-lo e de encaminhar o negócio, o que seria um prazer para o parasita, que sentia um prazer perverso em “pôr cobro a relaxamento de negro”.

XXII

Bertoleza tornara-se desconfiada depois da altercação com João Romão. Os negócios, estes iam de vento em popa. O comércio de João Romão crescera. O armazém prosperava num entra e sai de mercadorias. Havia agora uma multidão de empregados para dar conta do serviço. No seu escritório, faziam-se negócios de altas somas, envolvendo empresas, títulos do governo, empréstimos vultosos.

Igualmente sua avenida progredia. Não entrava qualquer um para os novos cômodos, cujo aluguel encarecera com a procura. Os pés-rapados iam se mudando para o Cabeça-de-Gato. Diminuíam o número de lavadeiras. Um povo mais limpo e próspero fazia na São Romão a vida. Florinda voltara a morar lá, arranjada com um despachante, pouco depois da morte da Marciana. A Machona tornara-se menos grosseira depois da morte do Agostinho e recebia pretendentes à mão de Nenen. Alexandre empertigara-se mais ainda depois de promovido a sargento. Léonie ainda aparecia de vez em quando, agora acompanhada de Pombinha.

Pombinha não suportou o marido por muito mais que dois anos de casada. Fez força para suportá-lo, até que caiu nos braços de um boêmio, libertino, jogador, poeta e capoeira. Depois, nos braços de um artista dramático. Até ser descoberta pelo marido, que a abandonou com a mãe e mudou-se para São Paulo. Pombinha, enfim, foi morar com Léonie num hotel: a serpente engolira Pombinha. A mãe chorou e amaldiçoou o destino da filha, mas aceitava de cabeça baixa o dinheiro que ela lhe dava, ganho com a prostituição. Depois, acabou indo morar com as duas cocotes, que agora só andavam juntas, dominando o alto e o baixo Rio de Janeiro, o dia todo, em todos os lugares onde houvesse prazer. Pombinha, em pouco tempo de aprendizado, tornou-se tão libertina quanto sua professora. Nada disso fez com que as duas deixassem de ser adoradas e respeitadas na Avenida São Romão. Quando lá iam, Pombinha abria a bolsa com generosidade, principalmente quando se tratava de mimar Senhorinha, por quem nutria uma simpatia semelhante a que Léonie nutria por ela no seu passado de virgem casta. O cortiço preparava mais uma prostituta para o mundo, naquela pobre menina que se tornava mulher ao lado de uma bêbada.

As esmolas de Pombinha eram o pouco dinheiro que entrava na casa de Piedade, totalmente incapacitada para o trabalho devido à bebedeira. Vivia maltrapilha e ébria, homens abusavam dela aos montes. Só havia chama de vida nela quando bebia. Não demorou a não conseguir pagar nem a bebida nem o aluguel. Foi enxotada da avenida e migrou, de cabeça baixa, com a filha, para o Cabeça-de-Gato, que mais se rebaixava à medida que o cortiço de João Romão prosperava.

XXIII

O ex-vendeiro e futuro Visconde João Romão agora passeava na cidade de braços dados com Zulmira, pagando prodigiosamente as contas na Casa Pascoal, desfilando com a noiva no Largo de São Francisco. Naquela tarde, assim que a família do Barão, depois do passeio, subiu na carruagem e partiu de volta para casa, João Romão e o Botelho trataram do caso de Bertoleza.

Enfim o parasita descobriu o paradeiro do proprietário da Bertoleza. Naquele dia mesmo um filho dele iria à casa de João Romão tomar posse da escrava. Por volta das três e meia da tarde, tomaram o bonde de São Clemente. Passando pelo Largo da Carioca, viram passar, em uma carruagem, Henrique, agora no quarto ano de medicina, agarrado a Pombinha.

Chegando à casa, Botelho acompanhou João Romão no jantar. Tomavam café quando chegou um senhor acompanhado de dois praças da polícia. Foram anunciados por um empregado. O capitalista desceu e, em ar de disfarce, recebeu das mãos de um homem alto uma folha de papel. João Romão a leu demoradamente, cercado pelos empregados, e fingiu surpresa com seu conteúdo.

Disse que, sim, a escrava morava em sua casa, mas ele a julgava livre. Imediatamente mostrou aos policiais onde poderiam encontrá-la. Atravessaram o armazém, um pequeno corredor e chegaram ao pátio onde, diante da cozinha, Bertoleza, como sempre, limpava, de cócoras, o peixe para o jantar de seu homem.

A pobre reconheceu logo o filho de seu primitivo senhor. Adivinhou então que sua carta de alforria era uma mentira, e que seu amante enfim encontrara um jeito de livrar-se dela. Pensou em fugir, mas foi logo agarrada pelo filho de seu senhor. Os policiais se acercaram. Horrorizada, com o facão de limpar peixes na mão, cercada de tripas e escamas, ergueu-se num ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e rasgou com um único golpe fundo e certo o próprio ventre de lado a lado. Emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando, moribunda, numa lameira de sangue.

João Romão refugiara-se num canto escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos. Neste exato momento, parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.



III – ELEMENTOS DA NARRATIVA

1- Foco narrativo

O romance apresenta, como é comum na narrativa naturalista, um **narrador onisciente**, que tudo observa, relata, investiga. É comum o movimento narrativo que parte de um quadro geral ou vista panorâmica do ambiente para a enumeração e ou descrição exaustiva de seus detalhes (objetos, personagens, ações), com uma

capacidade extraordinária para fixar os **movimentos** das cenas (aprofundaremos isso no item “Linguagem e estilo”).

2- Tempo

As ações do romance decorrem por volta da metade para o final do século XIX. Como é comum na literatura naturalista, o autor trata dos temas do seu tempo, retratando criticamente a sociedade em que está inserido e seus problemas.

Algumas referências de tempo:

- no capítulo X, o título de Barão para o Miranda vem exposto no *Jornal do Comércio*, fundado em 1827.
- o “movimento abolicionista” é referido em mais de uma passagem do livro, e mesmo as primeiras discussões em torno da Lei Rio Branco, aprovada em 28 de setembro de 1871 e conhecida como “Lei do Ventre Livre”.
- A chegada de imigrantes europeus (como os italianos que vêm morar no cortiço) ao Rio de Janeiro ocorre com força nas décadas de 1870-1880.

Quanto à duração da narrativa e à marcação da passagem do tempo, há referências esporádicas à passagem de meses ou anos:

“Não obstante, só ficou tranquilo de todo daí a três meses, quando lhe constou a morte do velho.” (Capítulo I)

“Daí a alguns meses, João Romão, depois de tentar um derradeiro esforço para conseguir algumas braças do quintal do vizinho, resolveu principiari as obras da estalagem.” (Capítulo I)

“Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente.” (Capítulo II)

“No fim de dois meses já o vendeiro esfregava as mãos de contente e via, radiante, quanto lucrara com a aquisição de Jerônimo (...).” (Capítulo V)

“Mas ao cabo de três meses, João Romão, notando que os seus interesses nada sofriam com a existência da nova estalagem e, até pelo contrário, lucravam com o progressivo movimento de povo que se ia fazendo no bairro, retornou à sua primitiva preocupação com o Miranda, única rivalidade que verdadeiramente o estimulava.” (Capítulo XIII)

“Iam-se assim os dias, e assim mais de três meses se passaram depois da noite da navalhada.” (Capítulo XIV)

“Tempos depois, Senhorinha entregou à mãe uma conta de seis meses da pensão do colégio, com uma carta em que a diretora negava-se a conservar a menina, no caso que não liquidassem prontamente a dívida.” (Capítulo XIX)

“Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente. (...).” (Capítulo XXII)

João Romão tem 25 anos quando seu patrão retorna a Portugal e lhe deixa a venda como parte do pagamento dos salários acumulados. Quando chega à corte para os preparativos para o curso de medicina, o que é explicado logo no capítulo II, Henrique tem 15 anos. No último capítulo (XXIII), afirma-se que “O estudante [Henrique], agora no seu quarto ano de medicina, vivia à solta com outros da mesma idade e pagava ao Rio de Janeiro o seu tributo de rapazola rico”. Podemos estimar, então, que do início da construção do cortiço, pouco tempo depois de João Romão e Bertoleza se amigarem, até a morte de Bertoleza e o “triunfo” final de João Romão, passaram-se de 5 a 8 anos.

3- Espaço



O cortiço localizava-se no bairro de Botafogo. Começa com três cômodos. Em seu primeiro momento, atinge um máximo de 95 casinhas. Depois do incêndio e da reconstrução como “Avenida”, chega a mais de quatrocentas.

O cortiço é descrito como um ambiente sempre movimentado, um formigueiro em constante atividade, com seus moradores se agitando sem parar. Comprove isto lendo o primeiro dos “Trechos para leitura” logo adiante (“O despertar do cortiço”).

Há referências esporádicas a outros locais do Rio de Janeiro da época: o pagode de Rita em Jacarepaguá; a rua de São João Batista, onde Rita e Firmo se encontram depois da briga no cortiço e de ele ser proibido de ir até lá; a rua do Ouvidor frequentada pelo Botelho; a estalagem da Cidade Nova onde Rita e Jerônimo vão morar depois que saem do cortiço São Romão.

Em oposição ao espaço do cortiço, há o sobrado, menos detalhado em sua descrição. São espaços que opõem duas forças sociais e econômicas diferentes: o da classe média alta e o da classe baixa.

Trata-se, portanto, de um espaço urbano do Brasil no final do século XIX. Mas é importante notar como o cortiço é personificado, retratado como um organismo vivo: ora uma planta, ora um formigueiro ou “barro primordial” do qual brota a vida. Veja um exemplo:

“E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.”

“Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente. E ao lado o Miranda assustava-se, inquieto com aquela exuberância brutal de vida, aterrado defronte daquela floresta implacável que lhe crescia junto da casa, por debaixo das janelas, e cujas raízes, piores e mais grossas do que serpentes, minavam por toda a parte, ameaçando rebentar o chão em torno dela, rachando o solo e abalando tudo.”

O expediente de valorização do espaço, destacando-o já a partir do título e descrevendo-o em detalhes, serve à defesa da tese determinista de que o homem é produto do meio, do que trataremos mais adiante, no tópico “Análise”.

4- Personagens

Em *O Cortiço*, o ambiente social e a natureza, com suas determinações de caráter biológico (como a carga hereditária) impõem-se sobre o indivíduo, como prega a teoria determinista, assim, tanto o cortiço (enquanto conjunto ou meio) quanto a natureza tropical que o circunda são tratados, também, como organismos vivos.

As personagens da literatura naturalista são, frequentemente, tipos que exemplificam patologias de ordem biológica (desvios psíquicos ou sexuais, por exemplo) ou social (miséria, violência, amoralidade etc.), daí o **fatalismo**: é impossível ao indivíduo fugir às determinações concretas de sua existência, como bem exemplificam, apenas para ficar nos casos mais gritantes, as trajetórias de Pombinha e Jerônimo.

Os moradores, frequentemente comparados a vermes ou formigas, formam uma mistura de negros, mestiços, imigrantes europeus. Todos pobres, vivendo de trabalhos humildes ou miseráveis: praças de polícia, lavadeiras, cavouqueiros (trabalhadores da pedreira), mascates etc. Em contraste, há os moradores do sobrado – Miranda, Estela, Zulmira, Henrique – e mesmo João Romão, após sua transformação em “capitalista”.

As personagens são quase sempre planas e caricatas, descritas a partir da animalização e do psicofisiologismo.

Os naturalistas, como “cientistas da sociedade”, preferem os grandes painéis humanos, os aglomerados habitacionais. Também por isso as personagens naturalistas têm pouca profundidade psicológica, o que chamamos de **personagens planas**: elas são sempre produto ou consequência de algo anterior a sua vontade, agem movidos por forças sobre as quais não têm controle.

A **caricatura** consiste na construção, em poucas linhas apenas, de uma figura acabada, física e psicologicamente, através do destaque e/ou exagero de algumas de suas características.

A concepção biologista do ser humano, na qual se baseiam os romancistas naturalistas, acaba por promover uma **animalização** das personagens, isto é, sua caracterização como se fossem animais, bestas embrutecidas, muitas vezes ocorrendo a sua **zoomorfização** – um recurso estilístico típico da literatura naturalista: trata-se da caracterização do ser humano – seja no aspecto físico, seja quanto ao caráter – sempre a partir de identificação a animais.

O **psicofisiologismo** consiste em fazer com que os traços físicos de um personagem estejam em estreita relação com sua identidade psicológica, sua maneira de ser, no ambiente narrativo. Veja um exemplo na associação do Botelho a um abutre logo abaixo.

A seguir, apresentamos os personagens da narrativa.

João Romão – Dos treze aos vinte e cinco anos trabalha como empregado de um patrício. A falta de escrúpulos é parte “natural” de sua personalidade, é consequência da patologia de que sofre (“moléstia nervosa, febre de enriquecer”). Comporta-se, então, de acordo com sua própria moral, segundo a qual tudo se justifica em nome

dos seus interesses. O fato de ser um explorador dos seus semelhantes faz parte da ordem natural das coisas: é um animal vencedor impondo sua força na selva da vida, como analisaremos mais adiante.

Bertoleza – No início da narrativa, é uma crioula de cerca de trinta anos, quitandeira afamada, escrava de ganho (que pagava aluguel por sua liberdade) de um velho cego do interior. A união com João Romão não altera sua natureza e muito menos seus hábitos de escrava, pelo contrário: passa a carregar (de bom grado, é verdade, pois agora está “livre”) três fardos de uma só vez – torna-se caixeira e criada (trabalhando como burro de carga para enriquecer o amante-patrão) e amante (servindo de fêmea ao seu homem): “(...) Bertoleza, sempre suja e tisonada, sempre sem domingo nem dia santo”. Apenas em um momento da narrativa Bertoleza tem voz ativa: quando se recusa a ser encostada por João Romão como um traste qualquer: tem consciência do quanto é responsável pela ascensão do amante e quer tratamento à altura de sua importância na vida dele:

“– Você está muito enganado, seu João, se cuida que se casa e me atira a toa! exclamou ela. Sou negra, sim, mas tenho sentimentos! Quem me comeu a carne tem de roer-me os ossos! Então há de uma criatura ver entrar ano e sair ano, a puxar pelo corpo todo o santo dia que Deus manda ao mundo, desde pela manhãzinha até pelas tantas da noite, para ao depois ser jogada no meio da rua, como galinha podre?! Não! Não há de ser assim, seu João! (...) Com quitanda principiei; não hei de ser quitandeira até morrer! Preciso de um descanso! Para isso mourejei junto de você enquanto Deus Nosso Senhor me deu força e saúde! (...) Quero desfrutar o que nós dois ganhamos juntos! quero a minha parte no que fizemos com o nosso trabalho! quero o meu regalo, como você quer o seu! (...) Ah! agora não me enxergo! agora eu não presto para nada! Porém, quando você precisou de mim não lhe ficava mal servir-se de meu corpo e aguentar a sua casa com o meu trabalho! Então a negra servia pra um tudo; agora não presta pra mais nada, e atira-se com ela no monturo do cisco! Não! assim também Deus não manda! Pois se aos cães velhos não se enxotam, por que me hão de pôr fora desta casa, em que meti muito suor do meu rosto?...”

Miranda – “Prezava, acima de tudo, a sua posição social e tremia só com a ideia de ver-se novamente pobre, sem recursos e sem coragem para recomeçar a vida, depois de se haver habituado a umas tantas regalias e afeito à hombridade de português rico que já não tem pátria na Europa.” Enquanto João Romão vence pela capacidade de trabalho, pela habilidade natural para negociar e explorar e pela falta de escrúpulos, Miranda vence pela capacidade de dobrar-se às conveniências sociais: é humilhado pela mulher, com quem se casou para enriquecer, e sente inveja da força e esperteza do vizinho vendeiro, mas consegue o reconhecimento e a admiração dos homens ao fazer fortuna com a herança de Estela e conquistar o título de Barão. Busca uma identidade social que só consegue vergando-se às conveniências. Seu nome vem do latim “misor” – admirar – e indica seu papel em relação a João Romão.

Estela – É a personagem que melhor representa a hipocrisia social na narrativa. É uma caricatura naturalista típica: só tem defeitos: manias (a proteção ao Valentim, a fixação com a beleza), taras (a insaciabilidade sexual). Veja como a descreve o narrador a certa altura: “Dona Estela, coitada! é que se precipitava, a passos de granadeiro, para a velhice, a despeito da resistência com que se rendia; tinha já dois dentes postiços, pintava o cabelo, e dos cantos da boca duas rugas serpenteavam-lhe pelo queixo abaixo, desfazendo-lhe a primitiva graça maliciosa dos lábios; ainda assim, porém, conservava o pescoço branco, liso e grosso, e os seus braços não desmereciam dos antigos créditos.” A relação entre Miranda e Estela, baseada apenas em convenções sociais, revela uma crítica (comum na literatura realista e naturalista) aos casamentos arranjados, baseados em interesses ou conveniências. Repare a progressão do tratamento dado por ela ao marido nesta sua fala de uma conversa com Botelho:

“— Você quer saber? afirmava ela, eu bem percebo quanto aquele traste do senhor meu marido me detesta, mas isso tanto se me dá como a primeira camisa que vesti! Desgraçadamente para nós, mulheres de sociedade, não podemos viver sem esposo, quando somos casadas; de forma que tenho de aturar o que me caiu em sorte, quer goste dele quer não goste! Juro-lhe, porém, que, se consinto que o Miranda se chegue às vezes para mim, é porque entendo que paga mais à pena ceder do que puxar discussão com uma besta daquela ordem!”

O marido é um “traste” que se torna “senhor”, depois simplesmente o “Miranda” e, enfim, “uma besta daquela ordem”. Ora, ela submete-se, nas aparências, a conviver com “uma besta” que intimamente despreza, como se houvesse uma *determinação social* para isso da qual ela não pode se desvencilhar. Como forma de revolta e exercício de liberdade, entrega-se a outra determinação, desta vez biológica: o exercício de uma sexualidade exacerbada. Seu nome significa “estrela” e remete a sua vaidade exacerbada.

Jerônimo – De início, quando se mudou para o cortiço para trabalhar na pedreira, o cavouqueiro “era tão metódico e tão bom como trabalhador quanto o era como homem. (...) Era um português de seus trinta e cinco a quarenta anos, alto, espadaúdo, barbas ásperas, cabelos pretos e maltratados caindo-lhe sobre a testa, por debaixo de um chapéu de feltro ordinário: pescoço de touro e cara de Hércules, na qual os olhos, todavia, humildes como os olhos de um boi de canga, exprimiam tranquila bondade”. Destacava-se não só pela “força de touro que o tornava respeitado e temido por todo o pessoal dos trabalhadores, como ainda, e, talvez, principalmente, a grande seriedade do seu caráter e a pureza austera dos seus costumes. Era homem de uma honestidade a toda prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver”. Ele é a figura acabada do indivíduo dobrado pelo meio: toda a força física e retidão de caráter de Jerônimo não resistiram à força do sol tropical, e o contacto com Rita Baiana (símbolo da tropicalidade) transformou-o completamente; fazendo aflorar sua sensualidade, minando sua resistência física e transformando também sua personalidade, tornando-o preguiçoso, gastador, bebedor e desavergonhado: “O português abasileirou-se para sempre; fez-se preguiçoso, amigo das extravagâncias e dos abusos, luxurioso e ciumento; fora-se-lhe de vez o espírito da economia e da ordem; perdeu a esperança de enriquecer, e deu-se todo, todo inteiro, à felicidade de possuir a mulata e ser possuído só por ela, só ela, e mais ninguém”. Sua trajetória – de animal vencido – é oposta à de João Romão – o animal vencedor que domina e transforma o meio de acordo com seus interesses. A descrição de Jerônimo como um Hércules é apropriada: assim como o herói da mitologia greco-romana, ele era muito forte, e assim como Hércules definiu antes da morte envenenado por vestir um robe, enviado por sua mulher Dejanira, que (sem que ela soubesse) continha o veneno da Hidra, Jerônimo morre “envenenado” por “vestir a pele” de um brasileiro ao apaixonar-se por Rita Baiana.

Rita Baiana – Símbolo da força sensual da natureza tropical brasileira, Rita é o centro irradiador de alegria e sensualidade no cortiço: “E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, (...) pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador”. Descrita por meio de metáforas ou comparações a elementos da flora e da fauna brasileira, Rita resume o fascínio e o poder da terra brasileira sobre o estrangeiro (particularizado em Jerônimo), entorpecendo e enfeitando-lhe as sensações:

“Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha

daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.”

Assim como Pombinha, Rita conhece exatamente o poder que a mulher tem sobre o homem, mas também cede às determinações de raça; assim como Bertoleza sente-se atraída por João Romão porque este era branco, ela, como mulata, cede à atração pelo “homem superior”, Jerônimo, por quem se apaixona e com quem continua a viver mesmo depois que este se torna um bêbado decadente: “desde que Jerônimo propendeu para ela, fascinando-a com a sua tranquila seriedade de animal bom e forte, o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu o macho de raça superior”.

Firmo – É uma caricatura do marginal malandro e valente. Mas sua agilidade e esperteza não foram suficientes para vencer Jerônimo, o “Hércules” europeu.

“(…) Era um mulato pachola, delgado de corpo e ágil como um cabrito; capadócio de marca, pernóstico, só de maças, e todo ele se quebrando nos seus movimentos de capoeira. Teria seus trinta e tantos anos, mas não parecia ter mais de vinte e poucos. Pernas e braços finos, pescoço estreito, porém forte; não tinha músculos, tinha nervos. A respeito de barba, nada mais que um bigodinho crespo, petulante, onde reluzia cheirosa a brilhantina do barbeiro; grande cabeleira encaracolada, negra, e bem negra, dividida ao meio da cabeça, escondendo parte da testa e estufando em grande gaforina por debaixo da aba do chapéu de palha, que ele punha de banda, derreado sobre a orelha esquerda. Vestia, como de costume, um paletó de lustrina preta já bastante usado, calças apertadas nos joelhos, mas tão largas na bainha que lhe engoliam os pezinhos secos e ligeiros. Não trazia gravata, nem colete, sim uma camisa de chita nova e ao pescoço, resguardando o colarinho, um lenço alvo e perfumado; à boca um enorme charuto de dois vinténs e na mão um grosso porrete de Petrópolis, que nunca sossegava, tantas voltas lhe dava ele a um tempo por entre os dedos magros e nervosos. Era oficial de torneiro, oficial perito e vadio; ganhava uma semana para gastar num dia; às vezes, porém, os dados ou a roleta multiplicavam-lhe o dinheiro, e então ele (...) afogava-se numa boa pândega com a Rita Baiana. (...) Nasceria no Rio de Janeiro, na Corte; militarara dos doze aos vinte anos em diversas maltas de capoeiras; chegara a decidir eleições nos tempos do voto indireto.”

AS LAVADEIRAS

As lavadeiras são atraídas para o cortiço pelo “privilegio” de terem à disposição as tinas com que ganham a vida ou ajudam seus maridos a ganhá-la. Vivem, portanto, para serem exploradas por João Romão. São as personagens mais caricaturadas e planas de toda a narrativa, sua caracterização se reduz a poucos traços físicos e psicológicos essenciais.

Leandra, a Machona – Mãe da Ana das Dores, Nenen e Agostinho; “portuguesa feroz, berradora, pulsos cabeludos e grossos, anca de animal do campo. (...) Ninguém ali sabia ao certo se a Machona era viúva ou desquitada; os filhos não se pareciam uns com os outros.” Está sempre pronta para a briga, quando necessário. A morte de Agostinho amolece um pouco sua dureza.

Augusta Carne-Mole – “(...) brasileira, branca, mulher de Alexandre”; passava o tempo a trabalhar ou a cuidar dos filhos que não paravam de sair de sua barriga; “era de uma honestidade proverbial no cortiço, honestidade sem mérito, porque vinha da indolência do seu temperamento e não do arbítrio do seu caráter”.

Leocádia – Mulher de Bruno, o ferreiro, “portuguesa pequena e socada, de carnes duras, com uma fama terrível de leviana entre as suas vizinhas”. Depois de ser pega pelo marido no mato com Henriquinho (o que fizera para ganhar um coelho e “pegar um filho”, já que com o marido não conseguia engravidar), é expulsa de casa. Mas o marido se humilha e pede sua volta, o que acaba acontecendo.

Paula – “(...) uma cabocla velha, meio idiota, a quem respeitavam todos pelas virtudes de que só ela dispunha para benzer erisipelas e cortar febres por meio de rezas e feitiçarias. Era extremamente feia, grossa, triste, com

olhos desvairados, dentes cortados à navalha, formando ponta, como dentes de cão, cabelos lisos, escorridos e ainda retintos apesar da idade. Chamavam-lhe 'Bruxa'". Depois do enlouquecimento de Leocádia, termina perdendo o juízo também. Por duas vezes, tenta atear fogo ao cortiço para destruí-lo. Na segunda, consegue provocar um incêndio de grandes proporções, no qual morre.

Marciana – "(...) mulata antiga, muito seria e asseada em exagero: a sua casa estava sempre úmida das consecutivas lavagens. Em lhe apanhando o mau humor punha-se logo a espanar, a varrer febrilmente, e, quando a raiva era grande, corria a buscar um balde de água e descarregava-o com fúria pelo chão da sala." Quando a filha, Florinda, aparece grávida, fica desesperada e começa a bater exageradamente na menina, o que a leva a fugir. Então, Marciana enlouquece, e louca morrerá, tempos depois.

Dona Isabel – "(...) na estalagem lhes dispensavam todos certa consideração, privilegiada pelas suas maneiras graves de pessoa que já teve tratamento: uma pobre mulher comida de desgostos. Fora casada com o dono de uma casa de chapéus, que quebrou e suicidou-se, deixando-lhe uma filha muito doentinha e fraca, a quem Isabel sacrificou tudo para educar, dando-lhe mestre até de francês. Tinha uma cara macilenta de velha portuguesa devota, que já foi gorda, bochechas moles de pelancas rechupadas, que lhe pendiam dos cantos da boca como saquinhos vazios; fios negros no queixo, olhos castanhos, sempre chorosos engolidos pelas pálpebras. Puxava em bandos sobre as fontes o escasso cabelo grisalho untado de óleo de amêndoas doces. Quando saía à rua punha um eterno vestido de seda preta, achamalotada, cuja saia não fazia rugas, e um xale encarnado que lhe dava a todo o corpo um feitio piramidal. Da sua passada grandeza só lhe ficara uma caixa de rapé de ouro, na qual a inconsolável senhora pitadeava agora, suspirando a cada pitada."

A felicidade retorna a sua vida quando, enfim, Pombinha entra na puberdade e se casa com o João da Costa, mas a opção da menina pela vida de prostituição vai lhe encher novamente a vida de desgostos:

"A pobre mãe chorou a filha como morta; mas, visto que os desgostos não lhe tiraram a vida por uma vez e, como a desgraçada não tinha com que matar a fome, nem forças para trabalhar, aceitou de cabeça baixa o primeiro dinheiro que Pombinha lhe mandou. E, desde então, aceitou sempre, constituindo-se a rapariga no seu único amparo da velhice e sustentando-a com os ganhos da prostituição. (...), de desgosto em desgosto, foi-se sentindo enfraquecer e enfermar, até cair de cama e mudar-se para uma casa de saúde, onde afinal morreu."

Albino – "(...) um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo cozido e com um cabelinho castanho, deslavado e pobre, que lhe caía, numa só linha, até ao pescocinho mole e fino. Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado que elas o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo; em presença dele falavam de coisas que não exporiam em presença de outro homem; faziam-no até confidente dos seus amores e das suas infidelidades, com uma franqueza que o não revoltava, nem comovia. Quando um casal brigava ou duas amigas se disputavam, era sempre Albino quem tratava de reconciliá-los, exortando as mulheres à concórdia. (...) não arredava os pezinhos do cortiço, a não ser nos dias de carnaval, em que ia, vestido de dançarina, passear à tarde pelas ruas e à noite dançar nos bailes dos teatros. Tinha verdadeira paixão por esse divertimento; juntava dinheiro durante o ano para gastar todo com a mascarada. E ninguém o encontrava, domingo ou dia de semana, lavando ou descansando, que não estivesse com a sua calça branca engomada, a sua camisa limpa, um lenço ao pescoço, e, amarrado à cinta, um avental que lhe caía sobre as pernas como uma saia. Não fumava, não bebia espíritos e trazia sempre as mãos geladas e úmidas."

Albino não deixava o cortiço por nada, exceto na época de carnaval, quando se vestia de mulher e passava dias fora, nas ruas e nos bailes: "Tinha verdadeira paixão por esse divertimento; juntava dinheiro durante o ano para gastar todo com a mascarada." Em Albino, Aluísio de Azevedo registra a sedução do carnaval, já naquela época, sobre a população brasileira. A "alma musical" do povo brasileiro também domina o ambiente do cortiço: Marciana trabalha cantando "toadas monótonas do sertão"; Florinda "a rebolar sem fadigas, assoviava os

chorados e lundus”; o “chorado baiano” de Firmo e Porfiro anima e excita os moradores nas noitadas promovidas por Rita Baiana; com a reforma do cortiço, as “quadrilhas e polcas” se tornam a trilha sonora para as reuniões familiares, a portas fechadas.

Piedade – Seu nome diz tudo dos sentimentos que inspira. A mulher de Jerônimo, quando chega ao cortiço: “teria trinta anos, boa estatura, carne ampla e rija, cabelos fortes de um castanho fulvo, dentes pouco alvos, mas sólidos e perfeitos, cara cheia, fisionomia aberta; um todo de bonomia toleirona, desabotoando-lhe pelos olhos e pela boca numa simpática expressão de honestidade simples e natural”. “Piedade merecia bem o seu homem, muito diligente, sadia, honesta, forte, bem acomodada com tudo e com todos, trabalhando de sol a sol e dando sempre tão boas contas da obrigação, que os seus fregueses de roupa, apesar daquela mudança para Botafogo, não a deixaram quase todos”.

Incapaz de deter a paixão de Jerônimo por Rita, revoltada contra aquela natureza tropical que lhe tirara o homem amado e à qual não se acostumava, decai completamente quando é abandonada pelo marido:

“sem se conformar com a ausência do marido, chorava o seu abandono e ia também agora se transformando de dia para dia, vencida por um desmazelo de chumbo, uma dura desesperança, a que nem as lágrimas bastavam para adoçar as agruras; (...) começou a afundar sem resistência na lama do seu desgosto, covardemente, sem forças para iludir-se com uma esperança fátua, abandonando-se ao abandono, desistindo dos seus princípios, do seu próprio caráter, sem se ter já neste mundo na conta de alguma coisa e continuando a viver somente porque a vida era teimosa e não queria deixá-la ir apodrecer lá embaixo, por uma vez. Deu para desleixar-se no serviço; as suas freguesas de roupa começaram a reclamar; foi-lhe fugindo o trabalho pouco a pouco; fez-se madraça e moleirona (...).”

Por fim, entrega-se completamente à bebida, torna-se passiva aos abusos dos homens, é expulsa da Avenida São Romão e refugia-se no Cabeça-de-Gato.

DE MENINAS A MULHERES

As meninas (crianças, adolescentes ou moças) do livro são personagens nas quais é notável a ação de forças biológicas ou sociais determinantes da personalidade e do comportamento. Quatro delas se destacam:

Florinda – “(...) tinha quinze anos, a pele de um moreno quente, beijos sensuais, bonitos dentes, olhos luxuriosos de macaca. Toda ela estava a pedir homem, mas sustentava ainda a sua virgindade e não cedia, nem à mão de Deus Padre, aos rogos de João Romão, que a desejava apanhar a troco de pequenas concessões na medida e no peso das compras que Florinda fazia diariamente à venda”. Acaba engravidando de um caixeiro de João Romão, o que lhe custa muitas pancadas da mãe, até que resolve fugir de casa. Vive amigada, então, com vários homens, até se ajeitar com um despachante que a leva de volta para o cortiço, ao final da narrativa. A sensualidade de Florinda é natural de sua personalidade; ela não tem controle sobre ela.

Zulmira – Como aconteceu com a mãe, está destinada a um casamento sobre o qual não poderá opinar. Não passa de uma “mercadoria” almejada por João Romão e negociada pelo pai, como fica claro na “oferta” de Botelho a João Romão: “— É um bom partido, é! Excelente menina... tem um gênio de pomba... uma educação de princesa: até o francês sabe! Toca piano como você tem ouvido... canta o seu bocado... aprendeu desenho... muito boa mão de agulha!... e... (...) Ali, tudo aquilo é sólido!... Prédios e ações do banco!...” Sugere-se que também ela sofre de um impulso sexual difícil de conter, conforme afirma Alexandre na conversa sobre os moradores do sobrado no pagode na casa de Rita: “E a pequena vai pelo mesmo consequente...” (entenda-se: pelo mesmo caminho da mãe, Estela). A sua transformação física também parece sugerir isto: inicialmente, é descrita como fraca, doentia, decadente: “Zulmira tinha então doze para treze anos e era o tipo acabado da fluminense; pálida, magrinha, com pequeninas manchas roxas nas mucosas do nariz, das pálpebras e dos lábios, faces levemente pintalgadas de sardas. Respirava o tom úmido das flores noturnas, uma brancura fria de

magnólia; cabelos castanho-claros, mãos quase transparentes, unhas moles e curtas, como as da mãe, dentes pouco mais claros do que a cútis do rosto, pés pequeninos, quadril estreito mas os olhos grandes, negros, vivos e maliciosos.” Mas quando começa a corte de João Romão, seu corpo se desenvolveu e ela se torna mais atraente fisicamente: “Agora, refeita nos seus dezessete anos, não parecia tão anêmica e deslavada; vieram-lhe os seios e engrossara-lhe o quadril. Estava melhor assim.”

Pombinha – Pombinha é, inicialmente, a “flor do cortiço”. Vem de uma família decaída: seu pai era chapeleiro e se suicidou depois de ir à falência. Sua mãe, dona Isabel, foi obrigada a mudar para o cortiço e trabalhar para sustentar a filha, cuja saúde frágil a tornava incapaz para qualquer esforço físico. A menina, delicada, educada e bem-vestida, destacava-se no cortiço e era adorada por todos. Os moradores torciam para que sua puberdade chegasse logo, pois assim poderia se efetivar o casamento já contratado com João da Costa. Sua fisionomia angelical, saúde frágil, alma pura e personalidade virginal aparentemente estavam livres do contágio do estrume que a cercava. Mas acontecia de ela ser também a destinatária das confissões de toda aquela gente apalermada, animalasca, embrutecida e lasciva, uma vez que sua função no cortiço é justamente escrever as cartas em que os moradores se abrem a respeito de suas intimidades e angústias. O estrume acaba estragando o perfume da flor. Todos a sua volta aguardam que ela se torne mulher para o seu bem e para o bem de sua mãe. Não esqueçamos que isso só vai ocorrer depois do encontro lésbico com Léonie, que desperta o instinto sensual da moça de maneira incontrolável. A descrição do sonho que leva a sua primeira menstruação – talvez o trecho mais “poético” do livro – já antecipa, no fervor corporal e na força do seu desejo de se entregar ao sol-borboleta, seu destino de prostituta. Logo após a puberdade, na primeira vez em que, como “mulher”, escuta a confissão chorosa de Bruno de que aceitaria humilhar-se pela volta de Leocádia, tem a exata dimensão de seu poder sexual feminino. Quando sai de casa, como vestal, já está em plena metamorfose para se tornar bacante: “Pombinha surgiu à porta de casa, **já pronta para desferir o grande voo**; de véu e grinalda, toda de branco, vaporosa, linda. Parecia comovida; despedia-se dos companheiros atirando-lhes beijos com o seu ramalhete de flores artificiais. (...) A noiva sorria, de olhos baixos. Uma fímbria de desdém toldava-lhe a rosada candura de seus lábios.” Ao se transformar, é comparada a uma “serpente”, para indicar seu novo papel sexual: em vez da menina frágil e virgem, a sedutora perigosa.

Senhorinha – Seu destino é bastante semelhante ao de Pombinha: em função da decadência dos pais, a filha de Jerônimo e Piedade, aos nove anos, tem de sair do colégio e mudar-se para o cortiço. Passa a ocupar o lugar de Pombinha no coração dos moradores, que a adoram. De maneira abrupta e inevitável, passa a enxergar na mãe, no pai, dentro de casa e ao seu redor, a crueldade da realidade: seres animalizados pela miséria, entregues aos instintos de natureza violenta ou sexual. Assim como Pombinha atraía Léonie e era por ela protegida; Senhorinha agora atrai Pombinha e é por ela protegida. Seu destino é lógico: “Pombinha abria muito a bolsa, principalmente com a mulher de Jerônimo, a cuja filha, sua protegida predileta, votava agora, por sua vez, uma simpatia toda especial, idêntica à que noutra tempo inspirara ela própria à Léonie. A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria.”

Juju – A filhinha de Alexandre e Augusta e afilhada de Léonie é uma cópia menor da cocote. Criada pela madrinha, veste-se como ela (mesmas roupas, mesmos chapéus, mesmos penduricalhos, cabelos morenos alourados para ficar ainda mais parecida com Léonie), acompanha-a por todos os lugares e convive “normalmente” com a prostituição, desde pequenina, dentro de casa. Mesmo assim, a miniatura de prostituta se encanta pelos mimos dados à filha.

OUTROS PERSONAGENS MENORES

Botelho – “Era um pobre-diabo caminhando para os setenta anos, antipático, cabelo branco, curto e duro, como escova, barba e bigode do mesmo teor; muito macilento, com uns óculos redondos que lhe aumentavam o tamanho da pupila e davam-lhe à cara uma expressão de abutre, perfeitamente de acordo com o seu nariz adunco e com a sua boca sem lábios: viam-se-lhe ainda todos os dentes, mas, tão gastos, que pareciam limados até ao meio. Andava sempre de preto, com um guarda-chuva debaixo do braço e um chapéu de Braga enterrado nas orelhas. Fora em seu tempo empregado do comércio, depois corretor de escravos; contava mesmo que

estivera mais de uma vez na África negociando negros por sua conta. Atirou-se muito às especulações; durante a guerra do Paraguai ainda ganhara forte, chegando a ser bem rico; mas a roda desandou e, de malogro em malogro, foi-lhe escapando tudo por entre as suas garras de ave de rapina. E agora, coitado, já velho, comido de desilusões, cheio de hemorróidas, via-se totalmente sem recursos e vegetava à sombra do Miranda, com quem por muitos anos trabalhou em rapaz, sob as ordens do mesmo patrão, e de quem se conservara amigo, a princípio por acaso e mais tarde por necessidade.”

Botelho tinha ódio aos escravos e aos abolicionistas, razão por que um dos seus principais desgostos é ser o alvo predileto das chacotas de Valentim, o escravo protegido de Estela. Apesar de ser amigo (por necessidade) de Miranda, vê o Brasil como um país que só serve para enriquecer portugueses aproveitadores. Por outro lado, era fascinado por tudo que dizia respeito à vida militar. Típico agregado (seu nome, etimologicamente, significa “parasita”), sabe imiscuir-se nos assuntos da casa, dando conta de tudo e de todos no sobrado. Consegue ser, ao mesmo tempo, confidente de Dona Estela e do Miranda. Esperto, percebe que as ambições de João Romão são uma ótima oportunidade de ganhar dinheiro: primeiro, ajudando-o a se aproximar do Miranda e ganhar a mão de Zulmira em casamento; depois, colocando em prática o plano para se livrar de Bertoleza.

Henriquinho – “O rapaz chamava-se Henrique, tinha quinze anos e vinha terminar na corte alguns preparatórios que lhe faltavam para entrar na Academia de Medicina”. Filho de um dos principais fregueses do Miranda, morava no sobrado e Botafogo. “(...) Henrique era bonitinho, cheio de acanhamentos, com umas delicadezas de menina”. Em pouco tempo, é seduzido por Dona Estela. Também foi alvo de ataques do velho Botelho. Depois, ele seduzirá Leocádia, oferecendo-lhe um coelhinho. No final da narrativa, já no quarto ano de medicina, passeia pelo Rio de Janeiro com Pombinha (por quem já tinha uma queda desde os tempos de cortiço) a tiracolo. Seu nome, que significa “rico”, indica sua posição social.

Léonie – A madrinha de Juju e “uma cocote de trinta mil-réis para cima, (...), com sobrado na cidade. Procedência francesa”. Quando vai ao cortiço, destaca-se:

“(…) com as suas roupas exageradas e barulhentas de cocote à francesa, levantava rumor quando lá ia e punha expressões de assombro em todas as caras. O seu vestido de seda cor de aço, enfeitado de encarnado sangue de boi, curto, petulante, mostrando uns sapatinhos à moda com um salto de quatro dedos de altura; as suas lavas de vinte botões que lhe chegavam até aos sovacos; a sua sombrinha vermelha, sumida numa nuvem de rendas cor-de-rosa e com grande cabo cheio de arabescos extravagantes; o seu pantafaçudo chapéu de imensas abas forradas de velado escarlata, com um pássaro inteiro grudado à copa; as suas jóias caprichosas, cintilantes de pedras finas; os seus lábios pintados de carmim; suas pálpebras tingidas de violeta; o seu cabelo artificialmente louro (...).”

Seu nome indica seu papel em relação a Pombinha: ela é a “leoa” que vai devorar a pomba.

Ana das Dores – Filha de Leandra, a Machona, “afirmavam que fora casada e que largara o marido para meter-se com um homem do comércio; e que este, retirando-se para a terra e não querendo soltá-la ao desamparo, deixara o sócio em seu lugar. Teria vinte e cinco anos”.

Nenen – Filha mais nova de Leandra, ainda donzela. “Espigada, franzina e forte, com uma proazinha de orgulho da sua virgindade, escapando como enguia por entre os dedos dos rapazes que a queriam sem ser para casar. Engomava bem e sabia fazer roupa branca de homem com muita perfeição.”

Agostinho – “(...) menino levado dos diabos, que gritava tanto ou melhor que a mãe”. Morre de maneira horrível: desfigurado após cair de uma altura de 200 metros na pedreira e quicar pelas pedras.

Alexandre – Marido de Augusta Carne-Mole:

“um mulato de quarenta anos, soldado de policia, pernóstico, de grande bigode preto, queixo sempre escanhado e um luxo de calças brancas engomadas e botões limpos na farda, quando estava de serviço. (...) Alexandre, em casa, à hora de descanso, nos seus chinelos e na sua camisa desabotoada, era muito chão com os companheiros de estalagem, conversava, ria e brincava, mas envergando o uniforme, encerando o bigode e empunhando a sua chibata, com que tinha o costume de fustigar as calças de brim, ninguém mais lhe via os dentes e então a todos falava teso e por cima do ombro.”

Libório – “Um tipão, o velho Libório! Ocupava o pior canto do cortiço e andava sempre a fariscar os sobejos alheios, filando aqui, filando ali, pedindo a um e a outro, como um mendigo, chorando misérias eternamente, apanhando pontas de cigarro para fumar no cachimbo, cachimbo que o sumítico roubara de um pobre cego decrépito. Na estalagem diziam todavia que Libório tinha dinheiro aferrolhado, contra o que ele protestava ressentido, jurando a sua extrema penaria. E era tão feroz o demônio naquela fome de cão sem dono, que as mães recomendavam às suas crianças todo o cuidado com ele, porque o diabo do velho, quando via algum pequeno desacompanhado, punha-se logo a rondá-lo, a cercá-lo de festas e a fazer-lhe ratices para o engabelar, até conseguir furtar-lhe o doce ou o vintenzinho que o pobrezito trazia fechado na mão.”

Libório tem algo em comum com João Romão: a “febre” de possuir. Mas enquanto João Romão sabe como multiplicar o dinheiro com trabalho e inteligência, o velho reduz-se à condição de animal que enterra o osso: tem tão pouca noção do que vale realmente o dinheiro que muitas das cédulas que guarda já não tem valor, como descobre João Romão ao contá-las, depois de roubá-las no momento da morte do velho.

Bruno – O ferreiro, marido traído de Leocádia, é o típico “corno manso”: sem saber como viver sem a mulher, submete-se à humilhação e pede que ela volte, no que é atendido depois de ser ferido na batalha contra os cabeças-de-gato.

Domingos - Jovem caixeiro de João Romão que seduziu e engravidou Florinda. O vendeiro protege-o da fúria da mãe da menina, mas manda-o embora sem lhe pagar nenhum dos seus direitos.

Valentim – “(...) Filho de uma escrava que foi de Dona Estela e a quem esta havia alforriado. A mulher do Miranda tinha por este moleque uma afeição sem limites: dava-lhe toda a liberdade, dinheiro, presentes, levava-o consigo a passeio, trazia-o bem vestido e muita vez chegou a fazer ciúmes à filha, de tão solicita que se mostrava com ele.”

As criadas do sobrado – **Isaura**, mulata ainda moça, moleirona e tola, que gastava todo o vintenzinho que pilhava em comprar capilé na venda de João Romão; uma negrinha virgem, chamada **Leonor**, muito ligeira e viva, lisa e seca como um moleque, conhecendo de orelha, sem lhe faltar um termo, a vasta tecnologia da obscenidade, e dizendo, sempre que os caixeiros ou os fregueses da taverna, só para mexer com ela, lhe davam atacações: “Óia, que eu me queixo ao juiz de orfe!”

João da Costa – O noivo e depois esposo de Pombinha era um “moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas, com muito futuro, e que a adorava (a Pombinha) e conhecia desde pequenita”. Quando o caráter devasso e as traições da mulher se tornam inegáveis, muda-se para São Paulo.

5- Enredo

O enredo de *O Cortiço* é composto em estrutura tradicional e linear, respeitando o tempo cronológico: princípio, desenvolvimento com vários momentos de clímax e desfecho.

Contrapõem dois universos intercomunicantes: o do cortiço, onde dominam as leis da natureza – herança biológica, predomínio dos instintos – e o do sobrado – onde vigora, pelo menos, um verniz de civilidade e organização social

O autor acompanha habilmente as trajetórias individuais de modo a entrelaçá-las num quadro maior, demonstrando a força das leis da natureza e a hipocrisia das relações sociais. Mas, à semelhança do que ocorre no antagonismo entre cortiço *versus* sobrado, explora-se uma série de dramas de caráter binário na narrativa: João Romão e Bertoleza (depois, João Romão *versus* Bertoleza); João Romão e Miranda; João Romão e Jerônimo; Miranda e dona Ester; Jerônimo e Piedade, Firmo e Rita; Firmo *versus* Jerônimo; Rita *versus* Piedade; Léonie e Pombinha; Pombinha e Senhorinha; carapicus e cabeças-de-gato.

Em muitos casos, estas tensões dramáticas são aparentes apenas. Por exemplo: João Romão e Miranda parecem adversários, mas o que há é uma evolução dos interesses: enquanto brigam por um pedaço de terra, são inimigos, mas quando convergem os interesses (um bom casamento para a filha do Miranda, um “bilhete de entrada” para a alta sociedade carioca para João Romão) eles se tornam aliados. Em outros momentos,

reviravoltas alteram as posições dos pares: se o estilo de vida de Jerônimo e Piedade parece o oposto daquele praticado por Rita e Firmo, isto só ocorre até a transformação promovida em Jerônimo pela natureza tropical; a partir daí, Jerônimo vai se opor a Firmo para assumir seu lugar ao lado de Rita. Mas, ao analisar a progressão da narrativa, percebemos que o que a faz avançar é sempre a disputa, a luta, a vontade de conquistar, de vencer, de avançar – quase sempre à custa de violência, como se percebe, no plano individual, nas consequências da disputa entre Jerônimo e Firmo por Rita Baiana (um recebe uma navalhada que quase lhe custa a vida; outro é espancado até a morte, numa das cenas mais agressivas da literatura brasileira) e, no plano coletivo, no enfrentamento entre os dois cortiços após a morte do Firmo. Mais adiante, analisaremos esta questão das oposições com mais detalhes.

IV – LINGUAGEM E ESTILO

O professor Alfredo Bosi resumiu assim o estilo de Aluísio de Azevedo:

“O léxico é concreto, o corte do período e da frase sempre nítido, e a sintaxe, correta, tem ressaibos lusitanizantes que, embora se possam explicar pela origem luso-maranhense de Aluísio, quadram bem ao clima de purismo que marcaria a língua culta brasileira até o advento dos modernistas.”

De fato, a influência de Eça de Queirós em Aluísio de Azevedo faz com que determinadas estruturas típicas do português lusitano (como a colocação pronominal enclítica, as partículas de reforço e os verbos no infinitivo em construções nas quais normalmente no Brasil se usaria o gerúndio) e alguns vocábulos mais próprios de Portugal que do Brasil naquela época (como o uso constante de diminutivos) sejam comuns em *O Cortiço*.

Mas afirmar que Aluísio de Azevedo partilharia do “purismo” linguístico dominante no final do século XIX brasileiro nos parece exagerado.

Primeiro, porque sua linguagem – como é comum no estilo naturalista – é muitas vezes agressiva, até, na descrição das cenas, na caricaturização animaléscas dos personagens, nas descrições dos atos sexuais. Segundo, porque, principalmente nos diálogos, Aluísio de Azevedo (que teria, inclusive, morado alguns meses num cortiço para estudar o ambiente e compor seus personagens de maneira realista) capta a linguagem popular de seu tempo no Rio de Janeiro. Veja alguns exemplos a seguir:

“Um acontecimento, porém, veio revolucionar alegremente toda aquela confederação da estalagem. Foi a chegada da Rita Baiana, que voltava depois de uma ausência de meses, durante a qual só dera notícias suas nas ocasiões de pagar o aluguel do cômodo.

Vinha acompanhada por um moleque, que trazia na cabeça um enorme samburá carregado de compras feitas no mercado; um grande peixe espiava por entre folhas de alface com o seu olhar embaciado e triste, contrastando com as risinhas cores dos rabanetes, das cenouras e das talhadas de abóbora vermelha.

— Põe isso tudo aí nessa porta. Aí no número 9, pequeno! gritou ela ao moleque, indicando-lhe a sua casa, e depois pagou-lhe o carroto. — Podes ir embora, carapeta!

Desde que do portão a bisparam na rua, levantou-se logo um coro de saudações.

— Olha! quem aí vem!

— Olé! Bravo! É a Rita Baiana!

— Já te fazíamos morta e enterrada!

— E não é que o demo da mulata está cada vez mais sacudida?...

— Então, coisa-ruim! por onde andaste atirando esses quartos?

— Desta vez a coisa foi de esticar, hein?!”

“Rita fê-lo [ao velho Libório] entrar e deu-lhe de comer e de beber; mas sob condição de que o esfomeado não se socasse demais, para não rebentar ali mesmo.

Se queria estourar, fosse estourar para longe!

(...)

Causava terror aquela sua implacável mandíbula, assanhada e devoradora; aquele enorme queixo, ávido, ossudo e sem um dente, que parecia ir engolir tudo, tudo, principiando pela própria cara, desde a imensa batata vermelha que ameaçava já entrar-lhe na boca, até as duas bochechinhas engelhadas, os olhos, as orelhas, a cabeça inteira, inclusive a sua grande calva, lisa como um queijo e guarnecida em redor por uns pêlos puídos e ralos como farripas de coco.

(...)

De repente, um pedaço de carne, grande demais para ser ingerido de uma vez, engasgou-o seriamente. Libório começou a tossir, aflito, com os olhos sumidos, a cara tingida de uma vermelhidão apoplética. A Leocádia, que era quem lhe ficava mais perto, soltou-lhe um murro nas costas.

O glutão arremessou sobre a toalha da mesa o bocado de carne já meio triturado.

Foi um nojo geral.

— Porco! gritou Rita, arredando-se.

— Pois se o bruto quer socar tudo ao mesmo tempo! disse Porfiro. Parece que nunca viu comida, este animal!

E notando que ele continuava ainda mais sôfrego por ter perdido um instante:

— Espere um pouco, lobo! Que diabo! A comida não foge! Há muito ai com que te fartares por uma vez!

Com efeito!

— Beba água, tio Libório! aconselhou Augusta.

E, boa, foi buscar um copo de água e levou-lho a boca.

O velho bebeu, sem despregar os olhos do prato.

- Arre diabo! resmungou Porfiro, cuspiendo para o lado. Este é mesmo capaz de comer-nos a todos nós, sem achar espinhas!”

“E com um arranco de besta-fera caíram ambos [Jerônimo e Rita] prostrados, arquejando. Ela tinha a boca aberta, a língua fora, os braços duros, os dedos inteiriçados, e o corpo todo a tremer-lhe da cabeça aos pés, continuamente, como se estivesse morrendo; ao passo que ele, de súbito arremessado longe da vida por aquela explosão inesperada dos seus sentidos, deixava-se mergulhar numa embriaguez deliciosa, através da qual o mundo inteiro e todo o seu passado fugiam como sombras fátuas. E, sem consciência de nada que o cercava, nem memória de si próprio, sem olhos, sem tino, sem ouvidos, apenas conservava em todo o seu ser uma impressão bem clara, viva, inextinguível: o atrito daquela carne quente e palpitante, que ele em delírio apertou contra o corpo, e que ele ainda sentia latejar-lhe debaixo das mãos, e que ele continuava a comprimir maquinalmente, como a criança que, já dormindo, afaga ainda as tetas em que matou ao mesmo tempo a fome e a sede com que veio ao mundo.”

Vale destacar também a pontuação bastante expressiva (com uso constante de exclamações, interrogações e reticências) e as constantes enumerações, como no trecho a seguir:

“Entretanto, a figura gorda e encanecida do novo Barão, sobre-casacado, com o chapéu alto derreado para trás na cabeça e sem largar o guarda-chuva, entrava da rua e atravessava a sala de jantar, seguia até a despensa, diligente esbaforido, indagando se já tinha vindo isto e mais aquilo, provando dos vinhos que chegavam em garrafões, examinando tudo, voltando-se para a direita e para a esquerda, dando ordens, ralhando, exigindo atividade, e depois tornava a sair, sempre apressado, e metia-se no carro que o esperava à porta da rua.

— Toca! toca! Vamos ver se o fogueteiro aprontou os fogos!

E viam-se chegar, quase sem intermitência, homens carregados de gigos de champanha, caixas de Porto e Bordéus, barricas de cerveja, cestos e cestos de mantimentos, latas e latas de conserva; e outros traziam perus e

leitões, canastras d’ovos, quartos de carneiro e de porco. E as janelas do sobrado iam-se enchendo de compoteiras de doce ainda quente, saído do fogo, e travessões, de barro e de ferro, com grandes peças de carne em vinha d’alhos, prontos para entrar no forno. À porta da cozinha penduraram pelo pescoço um cabrito esfolado, que tinha as pernas abertas, lembrando sinistramente uma criança a quem enforcassem depois de tirarlhe a pele.”

Como é comum no Naturalismo, Aluísio Azevedo é um mestre das descrições, muitas vezes extensas e detalhadas. A qualidade de suas descrições em *O Cortiço* está, principalmente, em conseguir captar, registrar e fazer ver ao leitor:

1º) grandes grupos humanos e sua agitação constante em cena (movimentação);

2º) os estímulos sensoriais do ambiente (captação de cores e luminosidade, de sons e cheiros, por exemplo);

3º) detalhes significativos de composição da cena (objetos e gestos, particularmente).

(Veja dois exemplos significativos nos “Trechos escolhidos”: a descrição do amanhecer do cortiço e a cena da dança em que Rita Baiana é observada por João Romão.)

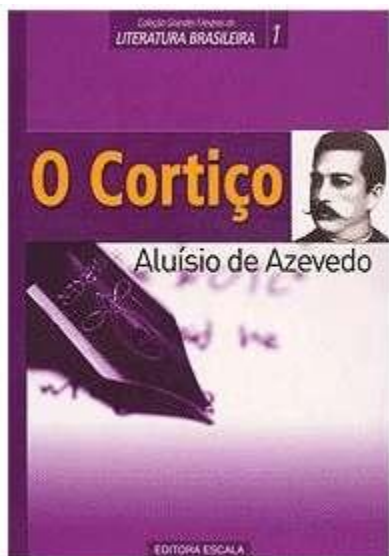
Em alguns momentos, a descrição beira o poético, como ocorre na narração do sonho de Pombinha que culmina em sua primeira menstruação (no capítulo XI).

A descrição dos personagens é, geralmente, segura e expressiva, definindo em poucas palavras seus traços físicos e sua personalidade (veja exemplos no tópico “Personagens”, em que transcrevemos muitas das descrições do autor).

Aluísio de Azevedo trabalhou muito tempo como artista plástico, fazendo retratos ou caricaturas. E sua vocação para as artes plásticas transparece na qualidade das descrições de *O Cortiço*. Veja uma declaração do autor a respeito de seu talento para a pintura:

“Fiz-me romancista, não por pendor, mas por me haver convencido da impossibilidade de seguir a minha vocação, que é a pintura. Quando escrevo, pinto mentalmente. Primeiro desenho os meus romances e depois redijo-os.”
(Declaração a Coelho Neto transcrita em *Aluísio Azevedo – Uma vida de romance*; biografia de Raimundo de Menezes)

V – ANÁLISE



1 – Obra-prima do Naturalismo

A observação “científica” da realidade social, defendida pelo pensamento positivista, é o propósito da narrativa de Aluísio de Azevedo.

O modelo adotado por Aluísio de Azevedo é o do chamado “romance experimental” de Émile Zola.

O romance experimental (1880) é um estudo de Émile Zola (1840-1902; seu romance *Thérese Raquin*, de 1867, inaugurou a estética que se denominaria Naturalismo), nitidamente influenciado pela obra *Introdução ao estudo da medicina experimental* (1865), do fisiologista francês Claude Bernard (1813-1878). Nele, o autor do maior clássico do Naturalismo europeu – *Germinal* (1885) –, defende que o escritor, em suas obras de ficção, deve agir como um “fisiologista da sociedade”, isto é, dissecar, observar e analisar o “organismo social”; os seres humanos estariam sujeitos às mesmas leis físico-químicas que os demais corpos da natureza, e seria tão influenciado pelo meio quanto eles. As teorias de Zola e os seus romances são a concretização, em literatura, da influência das revoluções científicas que desde meados do século XVIII transformavam a Europa. O crítico Antonio Candido, no estudo “De cortiço a cortiço”, aponta que “Aluísio Azevedo se inspirou evidentemente em *L’Assommoir* [A Taberna, 1886] de Émile Zola, para escrever *O Cortiço*”.

Denominamos **Cientificismo** à concepção filosófica que defende a ciência como superior a todas as outras formas de compreensão humana (como a religião, a filosofia, a metafísica etc.) da realidade, uma vez que ela é capaz de alcançar benefícios práticos por meio de um método de conhecimento que pressupõe o rigor e a objetividade. O pensamento cientificista disseminou-se no Brasil a partir da enorme influência do **Positivismo**, doutrina de Augusto Comte (1798-1857) cuja ideia básica era a “Lei dos Três Estados”, segundo a qual o ser humano passou por três estágios na maneira como concebe as ideias: o Teológico, o Metafísico e, enfim, o Positivo. Neste último, dominado pela ciência, o homem procura entender não o “porquê” das coisas, mas o “como”, subordinando a *imaginação* à *observação*. Logo, para Comte, qualquer forma de compreensão do mundo deve fundar-se no método científico. O Positivismo teve enorme influência na vida cultural brasileira da segunda metade do século XIX, sendo a principal escola de pensamento a orientar os proclamadores da nossa República. O lema comtiano “O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim” foi parar, condensado, na bandeira do Brasil.

Entende-se, então, o retrato dos personagens sempre ressaltando os apetites primários, os instintos baixos, seja na prática sexual seja na violência com que se resolvem os conflitos.

No Naturalismo, a observação “científica” da realidade, procurando analisar e explicar o comportamento humano e a dinâmica social a partir da teoria do Determinismo, é evidente.

Determinismo é um sistema filosófico criado pelo filósofo, historiador e crítico francês Hypollite Taine (1828-1893), que pregava a impossibilidade de o ser humano dirigir pessoalmente o seu destino, uma vez que ele estava subordinado a forças causais irresistíveis: sua herança biológica, o momento histórico e o meio natural e social em que vivia.

Um dos principais méritos do livro é que seu autor consegue tornar verossímil as teses deterministas. O principal personagem do livro é o cortiço mesmo, sempre descrito como um “organismo” no qual pulsa a vida (lembremos a comparação do cortiço a uma planta ou a um formigueiro). Os personagens são todos frutos do meio em que vivem. Basta pensar na trajetória de Jerônimo ou Pombinha para verificar a exatidão desta afirmação. A única exceção, talvez, seja João Romão, o “animal vencedor” que, em vez de ser moldado pelo meio

do cortiço, molda-o de acordo com seus interesses. Mas mesmo João Romão é moldado, em sua transformação, por um meio mais amplo: a sociedade como um todo, que exige ostentação de superioridade dos vencedores para que estes sejam respeitados (veja o item 3 – “De animal a Visconde...”, logo a seguir).

Na visão biologista da sociedade, que se desenvolve na época de Aluísio de Azevedo, apoiada no sucesso do Evolucionismo, a sociedade reproduz a natureza: as relações humanas não seriam muito diferentes das relações “naturais”; a sociedade é uma “selva organizada”, e os homens se batem o tempo todo em busca das melhores condições de sobrevivência possível, cada qual com suas armas, mas geralmente vencendo o mais adaptado ao meio, aquele que o compreende e o subjuga, aquele que se impõe – o “mais forte”, enfim.

Evolucionismo é a teoria elaborada pelo cientista inglês Charles Darwin (1809-1882), em sua obra *Da origem das espécies por via da seleção natural* (1859), que explicava a evolução e variação histórica das espécies, a partir de suas observações pessoais da natureza, recolhidas em extenso trabalho de pesquisa pelo mundo.

Para os naturalistas, portanto, as determinações físico-químicas e biológicas do ser humano são as responsáveis, em última análise, pela organização das sociedades. Até mesmo os caracteres psicológicos e a cultura seriam determinadas pelo meio e pela herança biológica.

Por isso os naturalistas, como “cientistas da sociedade”, preferem os grandes painéis humanos, os aglomerados habitacionais. Também por isso as personagens naturalistas têm pouca profundidade psicológica (personagens planas): eles são sempre produto ou consequência de algo anterior a sua vontade, agem movidos por forças sobre as quais não têm controle.

Também nesse sentido, *O Cortiço* um livro exemplar da estética naturalista no Brasil. O autor já dera mostras de sua capacidade de compor retratos de grandes grupos em *Casa de pensão* (1884), talvez o primeiro livro de qualidade superior que escreveu, e *O Cortiço* veio confirmar seu talento, valendo a ele o título de primeiro grande romancista das massas no Brasil.

O escritor e crítico Afonso Romano de Sant’Anna possui um estudo sobre *O Cortiço* no qual afirma que a obra trata da passagem da ordem da natureza (biológica, animal) para a ordem da civilização (cultural). No caso, trata-se, simbolicamente, da passagem do cortiço ao sobrado, de Bertoleza a Zulmira, empreendida por João Romão. Para realizar a passagem, João Romão precisa se submeter às convenções da civilidade, isto é, precisa, pelo menos, “disfarçar” as suas origens, que estão na falta de higiene e na violência dominante no cortiço. No entanto, o salto do “instintivo” (o cortiço) para o “civilizado” (o sobrado) não se faz sem mais violência: por mais civilizado que seja, o ser humano não tem como se livrar de seu lado natural, animal.

Também o professor Antonio Candido apontou esta passagem, de outra maneira, no que chamou de “dialética entre o espontâneo e o dirigido”:

No começo é como se o cortiço fosse regido por lei biológica; entretanto a vontade de João Romão parece ir atenuando o ritmo espontâneo, em troca de um caráter mais mecânico de planejamento. Os dois ritmos estão sempre presentes, mas o desenvolvimento da narrativa implica o lento predomínio do segundo sobre o primeiro, como se a iniciativa do capitalista estrangeiro fosse enformando e orientando o jogo natural das condições locais. Ele usa as forças do meio, não se submete a elas; se o fizesse, perderia a possibilidade de se tornar capitalista e se transformaria num episódio do processo natural, como acontece com o seu patrício Jerônimo, o cavouqueiro hercúleo que opta pela adesão à terra e é tragado por ela.

(Antonio Candido, “De cortiço a cortiço”)

2 – Esta gente bronzeada e o seu valor

Permitam-nos reforçar aqui algumas considerações já feitas apelando ao ensaio acima citado de Antonio Candido:

Talvez a força do livro venha em parte desta contaminação do plano real e do plano alegórico, fazendo pensar imediatamente numa relação causal de sabor naturalista, que na cabeça dos teóricos e publicistas era: Meio → Raça → Brasil; e que no projeto do ficcionista foi: Natureza tropical do Rio → Raças e tipos humanos misturados → cortiço. Isto é: no intuito de Aluísio a natureza que cerca o cortiço de todos os lados, com o sol queimando no alto, condiciona um modo de relacionamento entre os diversos grupos raciais, que por sua vez fazem do cortiço o tipo de aglomerado humano que é. E esta série causal encarnaria o que se passava na escala nacional, segundo as concepções do tempo.

(...)

Na composição, o cortiço é o centro de convergência, o lugar por excelência, em função do qual tudo se exprime. Ele é um ambiente, um meio – físico, social, simbólico, – vinculado a certo modo de viver e condicionando certa mecânica das relações. Mas além e acima dele o romancista estabeleceu outro meio mais amplo, a "natureza brasileira", que desempenha papel essencial, como explicação dos comportamentos transgressivos, como combustível das paixões e até da simples rotina fisiológica. Aluísio aceita a visão romântico-exótica de uma natureza poderosa e transformadora, reinterpretando-a em chave naturalista. Para ele, é como se a nossa fosse incompatível com a ordem e a ponderação dos costumes europeus; e ao cair nessa falácia mesológica, que tanto perturbou naquele tempo a vida intelectual brasileira e a própria definição de uma consciência nacional, ele deixa transparecer o pessimismo, alimentado pelo sentimento de inferioridade com que a sua geração retificou a euforia patriótica dos românticos.

Mas Aluísio não seria um verdadeiro naturalista (...), se não colocasse no centro das suas obsessões a raça, como termo explicativo privilegiado.

Ainda aqui encontramos todos os chavões do tempo, marcando a ambiguidade do intelectual brasileiro que aceitava e rejeitava a sua terra, dela se orgulhava e se envergonhava, nela confiava e dela desesperava, oscilando entre o otimismo idiota das visões oficiais e o sombrio pessimismo devido à consciência do atraso. Sob este aspecto o Naturalismo foi um momento exemplar, porque viveu a contradição entre a grandiloquência das aspirações liberais e o fatalismo de teorias então recentes e triunfantes, com base aparentemente científica, que pareciam dar um cunho de inexorável inferioridade às nossas diferenças com relação às culturas matrizes.

(...)

O símbolo supremo é todavia o Sol, que percorre o livro como manifestação da natureza tropical e princípio masculino de fertilidade. Sol e calor são concebidos como chama que queima, derrete a disciplina, fomenta a inquietação e a turbulência, fecunda como sexo. Por isso, neste livro a natureza do Brasil é interpretada de um ângulo curiosamente colonialista (para usar anacronicamente a linguagem de agora) como algo incompatível com as virtudes da civilização. Daí o homem forte, o estrangeiro ganhador de dinheiro estar sempre vigilante, como única solução, de chicote em punho e as distâncias marcadas com o nativo.

(Antonio Candido, "De cortiço a cortiço")

De fato, em *O Cortiço*, o Sol é um símbolo forte das imposições do meio e, por conseguinte, das "raças" que compõe a sociedade brasileira. Ele é um símbolo onipresente, quase personificado como personagem em algumas passagens. Vejamos alguns exemplos.

Quando da primeira menstruação de Pombinha, em um dia ensolarado, ela sonha que está sendo atraída e deflorada pelo sol:

O calor tirava do capim um cheiro sensual.

A moça fechou as pálpebras, vencida pelo seu delicioso entorpecimento, e estendeu-se de todo no chão, de barriga para o ar, braços e pernas abertas.

Adormeceu.

Começou logo a sonhar que em redor ia tudo se fazendo de um cor-de-rosa, a princípio muito leve e transparente, depois mais carregado, e mais, e mais, até formar-se em torno dela uma floresta vermelha, cor de sangue, onde largos tinhorões rubros se agitavam lentamente.

E viu-se nua, toda nua, exposta ao céu, sob a tépida luz de um sol embriagador, que lhe batia de chapa sobre os seios.

Mas, pouco a pouco, seus olhos, posto que bem abertos, nada mais enxergavam do que uma grande claridade palpitante, onde o sol, feito de uma só mancha reluzente, oscilava como um pêndulo fantástico.

Entretanto, notava que, em volta da sua nudez alourada pela luz, iam-se formando ondulantes camadas sanguíneas, que se agitavam, despreendendo aromas de flor. E, rodando o olhar, percebeu, cheia de encantos, que se achava deitada entre pétalas gigantescas, no regaço de uma rosa interminável, em que seu corpo se atufava como em ninho de veludo carmesim, bordado de ouro, fofo, macio, trescalante e morno.

E suspirando, espreguiçou-se toda num enleio de volúpia ascética.

Lá do alto o sol a fitava obstinadamente, enamorado das suas mimosas formas de menina.

Ela sorriu para ele, requebrando os olhos, e então o feroso astro tremeu e agitou-se, e, desdobrando-se, abriu-se de par em par em duas asas e principiou a fremir, atraído e perplexo. Mas de repente, nem que se de improviso lhe inflamasse os desejos, precipitou-se lá de cima agitando as asas, e veio, enorme borboleta de fogo, adejar luxuriosamente em torno da imensa rosa, em cujo regaço a virgem permanecia com os peitos franqueados.

E a donzela, sempre que a borboleta se aproximava da rosa, sentia-se penetrar de um calor estranho, que lhe acendia, gota a gota, todo o seu sangue de moça.

E a borboleta, sem parar nunca, doidejava em todas as direções ora fugindo rápida, ora se chegando lentamente, medrosa de tocar com as suas antenas de brasa a pele delicada e pura da menina.

Esta, delirante de desejos, ardia por ser alcançada e empinava o colo. Mas a borboleta fugia.

Uma sofreguidão lúbrica, desensofrida, apoderou-se da moça; queria a todo custo que a borboleta pousasse nela, ao menos um instante, um só instante, e a fechasse num rápido abraço dentro das suas asas ardentes. Mas a borboleta, sempre doida, não conseguia deter-se; mal se adiantava, fugia logo, irrequieta, desvairada de volúpia.

— Vem! Vem! suplicava a donzela, apresentando o corpo. Pousa um instante em mim! Queima-me a carne no calor das tuas asas!

E a rosa, que tinha ao colo, é que parecia falar e não ela. De cada vez que a borboleta se avizinhava com as suas negaças, a flor arregaçava-se toda, dilatando as pétalas, abrindo o seu pistilo vermelho e ávido daquele contato com a luz.

— Não fujas! Não fujas! Pousa um instante!

A borboleta não pousou; mas, num delírio, convulsa de amor, sacudiu as asas com mais ímpeto e uma nuvem de poeira dourada despreendeu-se sobre a rosa, fazendo a donzela soltar gemidos e suspiros, tonta de gosto sob aquele eflúvio luminoso e fecundante.

Nisto, Pombinha soltou um ai formidável e despertou sobressaltada, levando logo ambas as mãos ao meio do corpo. E feliz, e cheia de susto ao mesmo tempo, a rir e a chorar, sentiu o grito da puberdade sair-lhe afinal das entranhas, em uma onda vermelha e quente.

A natureza sorriu-se comovida. Um sino, ao longe, batia alegre as doze badaladas do meio-dia. O sol, vitorioso, estava a pino e, por entre a copagem negra da mangueira, um dos seus raios descia em fio de ouro sobre o ventre da rapariga, abençoando a nova mulher que se formava para o mundo.

(Capítulo XI)

Quando Piedade perde definitivamente Jerônimo, é ao Sol e à Luz da terra que ela culpa, resumo das influências do Brasil que transformaram o seu bom português:

Ela ergueu-se finalmente, foi lá fora ao capinzal, pôs-se a andar agitada, falando sozinha, a gesticular forte. E nos seus movimentos de desespero, quando levantava para o céu os punhos fechados, dir-se-ia que não era contra o marido que se revoltava, mas sim contra aquela amaldiçoada luz alucinadora, contra aquele sol crapuloso, que fazia ferver o sangue aos homens e metia-lhes no corpo luxúrias de bode. Parecia rebelar-se contra aquela natureza alcoviteira, que lhe roubara o seu homem para dá-lo a outra, porque a outra era gente do seu peito e ela não.

E maldizia soluçando a hora em que saíra da sua terra; essa boa terra cansada, velha como que enferma; essa boa terra tranquila, sem sobressaltos nem desvarios de juventude. Sim, lá os campos eram frios e melancólicos, de um verde alourado e quieto, e não ardentes e esmeraldinos e afogados em tanto sol e em tanto perfume como o deste inferno, onde em cada folha que se pisa há debaixo um réptil venenoso, como em cada flor que desabotoa e em cada moscardo que adeja há um vírus de lascívia. Lá, nos saudosos campos da sua terra, não se ouvia em noites de lua clara roncar a onça e o maracajá, nem pela manhã, ao romper do dia, rilhava o bando truculento das queixadas; lá não varava pelas florestas a anta feia e terrível, quebrando árvores; lá a sucuruju não chocalhava a sua campainha fúnebre, anunciando a morte, nem a coral esperava traidora o viajante descuidado para lhe dar o bote certo e decisivo; lá o seu homem não seria anavalhado pelo ciúme de um capoeira; lá Jerônimo seria ainda o mesmo esposo casto, silencioso e meigo; seria o mesmo lavrador triste e contemplativo, como o gado que à tarde levanta para o céu de opala o seu olhar humilde, compungido e bíblico.

Capítulo XVI

Por fim, quando da briga entre Piedade e Rita Baiana, que degenera em uma luta entre brasileiros e portugueses do cortiço, e depois é sucedida pela batalha entre carapicus e cabeças-de-gato, o Sol é nomeado o “culpado” de tudo:

Os carapicus enchiam a metade do cortiço. Um silêncio arquejado sucedia à estrepitosa vozeria do rolo que findara. Sentia-se o hausto impaciente da ferocidade que atirava aqueles dois bandos de capoeiras um contra o outro. E, no entanto, o sol, único causador de tudo aquilo, desaparecia de todo nos limbos do horizonte, indiferente, deixando atrás de si as melancolias do crepúsculo, que é a saudade da terra quando ele se ausenta, levando consigo a alegria da luz e do calor.

Antonio Candido analisa magistralmente a maneira como Aluísio Azevedo trabalha os elementos de “raça” e “natureza” em seu livro e o significado profundo de suas posições:

Bem dentro do jacobino Aluísio, filho de português mas antilusitano, como aliás dentro da maioria dos intelectuais do tempo, havia um perigoso medo de ser brasileiro, que levava a falar francês, copiar as cartolas inglesas, imitar o estilo acadêmico português, admirar a disciplina alemã e lamentar não houvesse aqui o espírito prático dos norte-americanos. Bem dentro do seu livro, que tenciona castigar literariamente o europeu desalmado, desfrutador da terra e ladrão da herança dos seus naturais, estão, repito, essas ambivalências que fazem do nosso patriotismo uma espécie de amor-desprezo, uma nostalgia dos países-matrizes e uma adoração confusa da mão que pune e explora. Desenvolvendo o que foi dito acima: na descrição do triunfo de João Romão, feita aliás com despreendimento naturalista nas camadas aparentes da narrativa, há elementos fornecidos para nós o considerarmos um monstruoso patife. Mas ao mesmo tempo há uma tal visão da terra e dos seus filhos, que a ação acelerada parece quase justificar-se como solução de integridade pessoal e social. O português tem a força, a astúcia, a tradição. O brasileiro serve a ele de inepto animal de carga, e sua única vingança consiste em

absorvê-lo passivamente pelo erotismo, que, já vimos, aparece como símbolo da sedução da terra. Para se livrar disso e poder realizar o seu projeto de enriquecimento e ascensão social, o português do tipo João Romão precisa despir o sexo de qualquer atrativo, recusar o encanto das Ritas Bahianas e ligar-se com a podre Bertoleza, meio gente, meio bicho.

Esta Bertoleza, aliás, que era cafuza, serve para surpreendermos o narrador em pleno racismo, corrente no seu tempo com apoio numa pseudociência antropológica que angustiava os intelectuais brasileiros quando pensavam na mestiçagem local. João Romão propõe a Bertoleza morarem juntos, e ela aceita, feliz, "porque, como toda cafuza [...] não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua".

Nada falta, como se vê: o instinto racial, a raça inferior, o desejo de melhorá-la, o contacto redentor com a raça superior... O mesmo ocorre nos amores de Jerônimo e Rita, que "era volúvel como toda a mestiça"; quando viu que o português a queria, trata logo de largar o capoeira Firmo, mulato como ela, porque "o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu o macho de raça superior".

3 – Amor animal

Já vimos como, no Naturalismo, a sociedade é vista como uma "selva" na qual os "animais humanos" batalham a sobrevivência. Esta animalização dos personagens é nítida na obra de Aluísio de Azevedo, em diversos aspectos da obra.

Inicialmente, pela própria temática abordada. Os cortiços eram um fenômeno habitacional típico de fins do Império, início da República, quando se iniciam a industrialização e o crescimento da população urbana do Rio de Janeiro. Em grandes edifícios abandonados ou construídos às pressas, amontoavam-se multidões de miseráveis em busca de ganhar a vida na capital do país. Tais lugares eram conhecidos como "cabeças de porco", o que ecoa na denominação do cortiço rival ao de João Romão: "Cabeça-de-gato". Mesmo os moradores do cortiço São Romão adotarão a alcunha de "carapicus" (nome de um peixe) para se opor aos inimigos de rua. A visão naturalista animalizadora do ser humano está implícita, portanto. Aliás, o significado original da palavra "cortiço" é "peça feita de cortiça ou de qualquer outra casca de árvore, para alojar colônias de abelhas; colmeia" (*Dicionário Houaiss*) – e tal sentido da palavra é explorado em algumas passagens do livro, em que a agitação do cortiço é comparada à de uma colmeia (em outros momentos, e mais comumente, a um formigueiro). Uma palavra comumente usada para falar do aumento frequente do número de cômodos no cortiço (são, inicialmente, apenas 3 casinhas; depois, na primeira etapa, chegam a ser 95; ao final da reconstrução, após o incêndio, totalizam mais de 400) é "reprodução", como se fossem aumentando as células de um organismo.

De maneira mais particularizada e direta, esta animalização estende-se, como vimos, à **zoomorfização** – na caracterização dos personagens.

Por fim, a sensualidade é retratada sempre pela ótica do animalesco: o amor é sempre sensual, físico, quando não uma patologia (como no caso de Léonie ou do Albino).

Antonio Candido afirma que:

N'O Cortiço a gama do ato sexual é extensa, desde a comicidade quase de anedota, como a posse de Leocádia no capinzal por um Henriquinho extremamente matreiro, que segura pelas orelhas o coelho branco prometido como preço, até a posse de Piedade, bêbada, pelo vagabundo Pataca, com a filha observando e um vômito final de conspurcação (lembrando a cena de L'Assommoir que serviu de modelo, onde Gervaise cede a Lantier no meio do vômito simbólico de Coupeau, com a pequena Naná olhando pela porta de vidro). E em matéria de brutalidade verbal, nem Zola nem ninguém tinha chegado ao extremo com que é descrito o modo pelo qual o Comendador Miranda "se serve", "como quem se serve de uma escarradeira", da mulher, que o traíra e ele odeia. Como sempre, quando a Europa diz "mata" o Brasil diz "esfola".

Por nossa conta, acrescentaríamos as cenas mais significativas, na nossa opinião, das relações amorosas animalizadas e erotizadas em *O Cortiço*. A relação quase forçada de amor homossexual entre Léonie e Pombinha, no capítulo XI, bastante corajosa para os padrões morais da sociedade brasileira da época:

O passeio à casa de Léonie fizera-lhe muito mal. Trouxe de lá impressões de íntimos vexames, que nunca mais se apagariam por toda a sua vida.

A cocote recebeu-a de braços abertos, radiante com apanhá-la junto de si, naqueles divãs fofos e traidores, entre todo aquele luxo extravagante e requintado próprio para os vícios grandes. Ordenou à criada que não deixasse entrar ninguém, ninguém, nem mesmo o Bebê, e assentou-se ao lado da menina, bem juntinho uma da outra, tomando-lhe as mãos, fazendo-lhe uma infinidade de perguntas, e pedindo-lhe beijos, que saboreava gemendo, de olhos fechados.

Dona Isabel suspirava também, mas de outro modo; na sua parva compreensão do conforto, aqueles impertinentes espelhos, aqueles móveis casquilhos e aquelas cortinas escandalosas arrancavam-lhe saudosas recordações do bom tempo e avivavam a sua impaciência por melhor futuro.

Ai! assim Deus quisesse ajudá-la!...

Às duas da tarde, Léonie, por sua própria mão serviu às visitas um pequeno lanche de foie-gras, presunto e queijo, acompanhado de champanha, gelo e água de Seltz, e, sem se descuidar um instante da rapariga, tinha para ela extremas solitudes de namorado; levava-lhe a comida à boca, bebia do seu copo, apertava-lhe os dedos por debaixo da mesa.

Depois da refeição, Dona Isabel, que não estava habituada a tomar vinho, sentiu vontade de descansar o corpo; Léonie franqueou-lhe um bom quarto, com boa cama, e, mal percebeu que a velha dormia, fechou a porta pelo lado de fora, para melhor ficar em liberdade com a pequena.

Bem! Agora estavam perfeitamente a sós!

— Vem cá, minha flor!... disse-lhe, puxando-a contra si e deixando-se cair sobre um divã. Sabes? Eu te quero cada vez mais!... Estou louca por ti!

E devorava-a de beijos violentos, repetidos, quentes, que sufocavam a menina, enchendo-a de espanto e de um instintivo temor, cuja origem a pobrezinha, na sua simplicidade, não podia saber qual era.

A cocote percebeu o seu enleio e ergueu-se, sem largar-lhe a mão.

— Descansemos nós também um pouco... propôs, arrastando-a para a alcova.

Pombinha assentou-se, constrangida, no rebordo da cama e, toda perplexa, com vontade de afastar-se, mas sem animo de protestar, por acanhamento, tentou reatar o fio da conversa, que elas sustentavam um pouco antes, à mesa, em presença de Dona Isabel. Léonie fingia prestar-lhe atenção e nada mais fazia do que afagar-lhe a cintura, as coxas e o colo. Depois, como que distraidamente, começou a desabotoar-lhe o corpinho do vestido.

— Não! Para quê!... Não quero despir-me...

— Mas faz tanto calor... Põe-te a gosto...

— Estou bem assim. Não quero!

— Que tolice a tua...! Não vês que sou mulher, tolinha?... De que tens medo?... Olha! Vou dar exemplo!

E, num relance, desfez-se da roupa, e prosseguiu na campanha.

A menina, vendo-se descomposta, cruzou os braços sobre o seio, vermelha de pudor.

— Deixa! segredou-lhe a outra, com os olhos envesgados, a pupila trêmula.

E, apesar dos protestos, das súplicas e até das lágrimas da infeliz, arrancou-lhe a última vestimenta, e precipitou-se contra ela, a beijar-lhe todo o corpo, a empolgar-lhe com os lábios o róseo bico do peito.

— Oh! Oh! Deixa disso! Deixa disso! reclamava Pombinha estorcendo-se em cócegas, e deixando ver preciosidades de nudez fresca e virginal, que enlouqueciam a prostituta.

— Que mal faz?... Estamos brincando...

— Não! Não! balbuciou a vítima, repelindo-a.

— Sim! Sim! insistiu Léonie, fechando-a entre os braços, como entre duas colunas; e pondo em contacto com o dela todo o seu corpo nu.

Pombinha arfava, relutando; mas o atrito daquelas duas grossas pomas irrequietas sobre seu mesquinho peito de donzela impúbere e o rogar vertiginoso daqueles cabelos ásperos e crespos nas estações mais sensitivas da sua feminilidade, acabaram por foguear-lhe a pólvora do sangue, desertando-lhe a razão ao rebate dos sentidos.

Agora, espolinhava-se toda, cerrando os dentes, fremindo-lhe a carne em crispações de espasmo; ao passo que a outra, por cima, doida de luxúria, irracional, feroz, revolteava, em corcovos de égua, bufando e relinchando.

E metia-lhe a língua tesa pela boca e pelas orelhas, e esmagava-lhe os olhos debaixo dos seus beijos lubrificadas de espuma, e mordia-lhe o lóbulo dos ombros, e agarrava-lhe convulsivamente o cabelo, como se quisesse arrancá-lo aos punhados. Até que, com um assomo mais forte, devorou-a num abraço de todo o corpo, ganindo ligeiros gritos, secos, curtos, muito agudos, e afinal desabou para o lado, exânime, inerte, os membros atirados num abandono de bêbedo, soltando de instante a instante um soluço estrangulado.

A menina voltara a si e torcera-se logo em sentido contrário à adversária, cingindo-se rente aos travesseiros e abafando o seu pranto, envergonhada e corrida.

A impudica, mal orientada ainda e sem conseguir abrir os olhos, procurou animá-la, ameigando-lhe a nuca e as espáduas. Mas Pombinha parecia inconsolável, e a outra teve de erguer-se a meio e puxá-la como uma criança para o seu colo, onde ela foi ocultando o rosto, a soluçar baixinho.

E a primeira relação sexual entre Jerônimo e Rita Baiana, narrada no capítulo, e que em gíria dos dias atuais chamaríamos de “transa animal”:

Depois, atirou fora a saia e, só de camisa, lançou-se contra o seu amado, num frenesi de desejo doido. Jerônimo, ao senti-la inteira nos seus braços; ao sentir na sua pele a carne quente daquela brasileira; ao sentir inundar-lhe o rosto e as espáduas, num eflúvio de baunilha e cumaru, a onda negra e fria da cabeleira da mulata; ao sentir esmagarem-se no seu largo e pelado colo de cavouqueiro os dois globos túmidos e macios, e nas suas coxas as coxas dela; sua alma derreteu-se, fervendo e borbulhando como um metal ao fogo, e saiu-lhe pela boca, pelos olhos, por todos os poros do corpo, escandescente, em brasa, queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprimíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra, numa agonia extrema, sobrenatural, uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno.

E com um arranco de besta-fera caíram ambos prostrados, arquejando. Ela tinha a boca aberta, a língua fora, os braços duros, os dedos inteiriçados, e o corpo todo a tremer-lhe da cabeça aos pés, continuamente, como se estivesse morrendo; ao passo que ele, de súbito arremessado longe da vida por aquela explosão inesperada dos seus sentidos, deixava-se mergulhar numa embriaguez deliciosa, através da qual o mundo inteiro e todo o seu passado fugiam como sombras fátuas. E, sem consciência de nada que o cercava, nem memória de si próprio, sem olhos, sem tino, sem ouvidos, apenas conservava em todo o seu ser uma impressão bem clara, viva, inextinguível: o atrito daquela carne quente e palpitante, que ele em delírio apertou contra o corpo, e que ele ainda sentia latejar-lhe debaixo das mãos, e que ele continuava a comprimir maquinalmente, como a criança que, já dormindo, afaga ainda as tetas em que matou ao mesmo tempo a fome e a sede com que veio ao mundo.

Curiosamente, não há descrição de relações sexuais entre João Romão e Bertoleza...

4 – De animal a Visconde; trabalhadores e barões no Brasil de fins do século XIX

Traçando um painel da herança colonial brasileira, [*O Cortiço*] mostra como a libertação dos negros é insuficiente para a transformação social, enquanto as próprias classes dirigentes também não se transformam. Em uma situação de transição da monarquia para o republicanismo, o romance capta o problema central do Brasil, que é a manutenção das deformidades sociais, que persistem no interior de um regime liberal e democrático.

(Rodrigo Petronio – “Diários de um clássico”, em *O Cortiço*, Editora Saraiva, 2008.)

No item “Enredo”, falamos das tensões dramáticas binárias que fazem evoluir a narrativa de *O Cortiço*.

O professor Rui Morão chama a atenção para o fato de que a verdadeira oposição na narrativa se dá entre João Romão e o cortiço, o que parece paradoxal à primeira vista, mas é um ponto de vista bastante defensável:

João Romão é o imigrante português que deseja ascender socialmente e, para isso, depende da exploração dos brasileiros miseráveis. A princípio, faz sua fortuna com a ajuda, quase à custa, de Bertoleza, ou seja, explorando a escrava que pensava ter deixado de sê-lo. Depois, fará fortuna à custa da exploração da imensa massa de trabalhadores cujas economias suga de diversas maneiras: explorando seu trabalho na pedreira, na estalagem, na venda, no aluguel de tinhas e cômodos.

Temos aqui, portanto, o velho colonizador português enriquecendo graças à exploração da terra brasileira. Algo que perpassa boa parte da narrativa, explícita ou implicitamente, como é o caso da raiva do Botelho contra o Brasil por conta de ser uma terra para enriquecer lusitanos. A grande luta entre brasileiros e portugueses – “cabras” e “galegos” – causada pela briga entre Rita Baiana e Piedade seria um outro exemplo desta oposição.

Trata-se da transposição, para as relações sociais e econômicas, dos mecanismos naturais de imposição do “mais forte” sobre o “mais fraco”. Veja como isto fica claro nas reflexões de João Romão a respeito de suas relações com Bertoleza e de sua condição social e existencial (os grifos são nossos):

“(…) Bertoleza devia ser esmagada, devia ser suprimida, porque era tudo que havia de mau na vida dele! Seria um crime conservá-la a seu lado! Ela era o torpe balcão da primitiva bodega; era o aladroadado vintenzinho de manteiga em papel pardo; era o peixe trazido da praia e vendido à noite ao lado do fogareiro à porta da taberna; era o frege imundo e a lista cantada das comezainas à portuguesa; era o sono roncado num colchão fétido, cheio de bichos; ela era a sua cúmplice e era todo seu mal— devia, pois, extinguir-se! Devia ceder o lugar à pálida mocinha de mãos delicadas e cabelos perfumados, que era o bem, porque era o que ria e alegrava, porque era a vida nova, o romance solfejado ao piano, as flores nas jarras, as sedas e as rendas, o chá servido em porcelanas caras; era enfim a doce existência dos ricos, dos felizes e dos fortes, dos que herdaram sem trabalho ou dos que, a puro esforço, conseguiram acumular dinheiro, rompendo e subindo por entre o rebanho dos escrupulosos ou dos fracos. (...)”

Como “animal superior”, João Romão é aquele que, em vez de ser dominado pelo meio, submete o meio a seus interesses: ele constrói o cortiço, ele o reconstrói, ele usa Bertoleza e depois a descarta, ele entrega o velho Libório à morte certa para roubá-lo, ele despreza ou elimina moradores que – como Marciana, ou o Piedade – não lhe convêm mais.

A trajetória contrária à de João Romão é a de Jerônimo. O vendeiro, que de início é capaz de tudo, desde roubar até viver amigado com “uma negra”, para enriquecer, progressivamente se afasta de suas origens e se encaminha para o sonho de tornar-se Visconde. O que move João Romão é, afinal, o dinheiro. Ele sofre de uma patologia: “uma moléstia nervosa”, “uma febre de enriquecer”. O “salto” de João Romão se dá quando ele percebe que tudo o que acumulara só faria sentido se conquistasse também a admiração, a inveja, o reconhecimento, enfim, das outras pessoas, particularmente daquelas que ainda o olhavam como um inferior: os da classe superior, como o Barão Miranda. Observe que o que fascina João Romão e o ponto de partida para sua transformação é simplesmente o reconhecimento social contido no título de nobreza:

Sim, senhor! aquele taverneiro, na aparência tão humilde e tão miserável; aquele sovina que nunca saíra dos seus tamancos e da sua camisa de riscadinho de Angola; aquele animal que se alimentava pior que os cães, para pôr de parte tudo, tudo, que ganhava ou extorquia; aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter abdicado dos seus privilégios e sentimentos de homem; aquele desgraçado, que nunca jamais amara senão o dinheiro, invejava agora o Miranda, invejava-o deveras, com dobrada amargura do que sofrera o marido de Dona Estela, quando, por sua vez, o invejara a ele. Acompanhara-o desde que o Miranda viera habitar o sobrado com a família; vira-o nas felizes ocasiões da vida, cheio de importância, cercado de amigos e rodeado de aduladores; vira-o dar festas e receber em sua casa as figuras mais salientes da praça e da política; vira-o luzir, como um grosso pião de ouro, girando por entre damas da melhor e mais fina sociedade fluminense; vira-o meter-se em

altas especulações comerciais e sair-se bem; vira seu nome figurar em várias corporações de gente escolhida e em subscrições, assinando belas quantias; vira-o fazer parte de festas de caridade e festas de regozijo nacional; vira-o elogiado pela imprensa e aclamado como homem de vistas largas e grande talento financeiro; vira-o enfim em todas as suas prosperidades, e nunca lhe tivera inveja. Mas agora, estranho deslumbramento! quando o vendeiro leu no “Jornal do Comércio” que o vizinho estava barão — Barão! — sentiu tamanho calafrio em todo o corpo, que a vista por um instante se lhe apagou dos olhos.

— Barão!

E durante todo o santo dia não pensou noutra coisa. “Barão!... Com esta é que ele não contava!...” E, defronte da sua preocupação, tudo se convertia em comendas e crachás; até os modestos dois vinténs de manteiga, que media sobre um pedaço de papel de embrulho para dar ao freguês, transformava-se, de simples mancha amarela, em opulenta insígnia de ouro cravejada de brilhantes.

À noite, quando se estirou na cama, ao lado da Bertoleza, para dormir, não pôde conciliar o sono. Por toda a miséria daquele quarto sórdido; pelas paredes imundas, pelo chão enlameado de poeira e sebo, nos tetos funebrememente velados pelas teias de aranha, estrelavam pontos luminosos que se iam transformando em grã-cruzes, em hábitos e veneras de toda a ordem e espécie. E em volta do seu espírito, pela primeira vez alucinado, um turbilhão de grandezas que ele mal conhecia e mal podia imaginar, perpassou vertiginosamente, em ondas de seda e rendas, velado e pérolas, colos e braços de mulheres seminuas, num fremir de risos e espumar aljofrado de vinhos cor-de-ouro. E nuvens de caudas de vestidos e abas de casaca lá iam, rodando deliciosamente, ao som de langorosas valsas e à luz de candelabros de mil velas de todas as cores. E carruagens desfilavam reluzentes, com uma coroa à portinhola, o cocheiro teso, de libré, sopeando parelhas de cavalos grandes. E intermináveis mesas estendiam-se, serpenteando a perder de vista, acumuladas de iguarias, numa encantadora confusão de flores, luzes, baixelas e cristais, cercadas de um e de outro lado por luxuoso renque de convivas, de taça em punho, brindando o anfitrião.

Ao final do livro, a importância do reconhecimento de sua superioridade para João Romão é reforçado; já não lhe basta igualar Miranda, é preciso ultrapassá-lo:

E via-se já na brilhante posição que o esperava: uma vez de dentro, associava-se logo com o sogro e iria pouco a pouco, como quem não quer a coisa, o empurrando para o lado, até empolgar-lhe o lugar e fazer de si um verdadeiro chefe da colônia portuguesa no Brasil; depois, quando o barco estivesse navegando ao largo a todo o pano — tome lá alguns pares de contos de réis e passe-me para cá o título de Visconde!

Sim, sim, Visconde! Por que não? e mais tarde, com certeza, Conde! Eram favas contadas!

Ah! ele, posto nunca o dissera a ninguém, sustentava de si para si nos últimos anos o firme propósito de fazer-se um titular mais graduado que o Miranda. E, só depois de ter o título nas unhas, é que iria à Europa, de passeio, sustentando grandeza, metendo invejas, cercado de adulações, liberal, pródigo, brasileiro, atordoando o mundo velho com o seu ouro novo americano!

A oposição entre a escrava Bertoleza – legítima representante das origens do cortiço - e o “novo” João Romão ao final, quando ela pela primeira vez eleva a voz na narrativa (veja “Personagens”) é, simbolicamente, a resistência dos explorados brasileiros à exploração dos portugueses.

Já Jerônimo se deixa dobrar pelo meio – a força do Sol do Brasil – e passa por uma metamorfose: de português típico se torna praticamente o mais brasileiro dos personagens, o que implica uma depreciação de sua figura, tanto no aspecto físico quanto no psicológico:

“Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-

se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição; para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.”

O abasileiramento de Jerônimo transforma-o em um “ser inferior”, em um fraco (veja mais sobre a transformação no item “Personagens”, quando apresentamos o cavouqueiro). Vale reforçar que esta transformação é descrita sempre a partir de elementos naturais (geralmente sensoriais) ou sociais (culturais) que desorientam e dominam Jerônimo: o sol que cega, quente, febricitante; a música brasileira; os gostos da terra: a comida apimentada, a parati (cachaça) e o café; os cheiros exóticos e a limpeza da pele de Rita Baiana.

São resquícios da estrutura colonial que teimam em permanecer: portugueses enriquecem explorando violentando, agindo à margem da lei. O “povo” não passa de massa escrava a ser manobrada ou explorada. A “independência” de Portugal era apenas aparente, uma vez que a estrutura social pouco se modificara. A ironia final do autor – fazendo a morte de Bertoleza coincidir com a chegada dos abolicionistas que vêm condecorar João Romão – parece sugerir que mesmo o abolicionismo era uma farsa ilusória.

Mais do que apenas uma obra em que os princípios deterministas do Naturalismo importado da Europa são aplicados a uma trama em terras brasileiras, *O Cortiço* é, portanto, também um importante retrato de um momento de transição no Brasil, quando a estrutura colonial escravista está sendo substituída por um sistema de produção em que novas relações sociais e econômicas se impõem. Mas a chegada do capitalismo, já bastante evoluído na Europa, a estas terras tropicais “atrasadas” não produz mudanças significativas na organização social, como fica claro com a transformação do cortiço em Avenida São Romão:

“Mas o cortiço já não era o mesmo; estava muito diferente; mal dava ideia do que fora. (...) A feroz engrenagem daquela máquina terrível, que nunca parava, ia já lançando os dentes a uma nova camada social que, pouco a pouco, se deixaria arrastar inteira lá para dentro. Começavam a vir estudantes pobres, com os seus chapéus desabados, o paletó fouveiro, uma pontinha de cigarro a queimar-lhes a penugem do buço, e as algibeiras muito cheias, mas só de versos e jornais; surgiram contínuos de repartições públicas, caixeiros de botequim, artistas de teatro, condutores de bondes, e vendedores de bilhetes de loteria.”

“E, como a casa comercial de João Romão, prosperava igualmente a sua avenida. Já lá se não admitia assim qualquer pé-rapado: para entrar era preciso carta de fiança e uma recomendação especial. Os preços dos cômodos subiam, e muitos dos antigos hóspedes, italianos principalmente, iam, por economia, desertando para o “Cabeça-de-Gato” e sendo substituídos por gente mais limpa. Decrescia também o número das lavadeiras, e a maior parte das casinhas eram ocupadas agora por pequenas famílias de operários, artistas e praticantes de secretaria. O cortiço aristocratizava-se.”

A “aristocratização” do cortiço de João Romão não significava que a miséria se resolvera; apenas fora transferida de lugar: continuava vivo o “Cabeça-de-Gato”, recebendo os “restos humanos” do cortiço:

“O “Cabeça-de-Gato” estava vencido finalmente, vencido para sempre; nem já ninguém se animava a comparar as duas estalagens. À medida que a de João Romão prosperava daquele modo, a outra decaía de todo; raro era o dia em que a polícia não entrava lá e baldeava tudo aquilo a espadeirada de cego. Uma desmoralização completa!”

“E a mísera [Piedade], sem chorar, foi refugiar-se, junto com a filha [Senhorinha], no "Cabeça-de-Gato" que, à proporção que o São Romão se engrandecia, mais e mais ia-se rebaixando acanalhado, fazendo-se cada vez mais torpe, mais abjeto, mais cortiço, vivendo satisfeito do lixo e da salsugem que o outro rejeitava, como se todo o seu ideal fosse conservar inalterável, para sempre, o verdadeiro tipo da estalagem fluminense, a legítima, a legendária; aquela em que há um samba e um rolo por noite; aquela em que se matam homens sem a polícia descobrir os assassinos; viveiro de larvas sensuais em que irmãos dormem misturados com as irmãs na mesma lama; paraíso de vermes, brejo de lodo quente e fumegante, donde brota a vida brutalmente, como de uma podridão.

O crítico Antonio Candido chama a atenção para o fato de que Aluisio de Azevedo foi “o primeiro dos nossos romancistas a descrever minuciosamente o mecanismo de formação da riqueza individual”. Em *O Cortiço*, isso está patente na trajetória de João Romão, que enriquece graças ao trabalho e ao sacrifício inicial para se tornar, ao final da narrativa, candidato natural ao título de Visconde. É claro que sua ascensão se dá à custa da exploração brutal e primitiva da vida dos outros, mas não deixa de ser, enfim, trabalho, o que significa muito em uma sociedade marcada por séculos de escravidão, em que a ideia de enriquecimento por meio do trabalho era quase absurda, uma vez que esforço físico era coisa de escravos, de bestas humanas.

Daí, para Aluísio de Azevedo, que o problema social se reduza um tanto à questão da exploração do brasileiro pelo português, como explica Antonio Candido:

Ora, essa acumulação assume para o romancista a forma odiosa da exploração do nacional pelo estrangeiro. Tanto assim que n'*O Cortiço* há pouco sentimento de injustiça social e nenhum da exploração de classe, mas nacionalismo e xenofobia, ataque ao abuso do imigrante "que vem tirar o nosso sangue". Daí a presença duma espécie de luta de raças e nacionalidades, num romance que não questiona os fundamentos da ordem. O roubo e a exploração desalmada de João Romão são expostos como comportamento-padrão do português forasteiro, ganhador de fortuna à custa do natural da terra, denotando da parte do romancista uma curiosa visão popular e ressentida de freguês endividado de empório.

VI – BIOGRAFIA



O resumo biográfico a seguir foi retirado do site da Academia Brasileira de Letras, da qual Aluísio Azevedo foi um dos fundadores, e que vale uma visita: <http://www.academia.org.br/>

Aluísio Azevedo (A. Tancredo Gonçalves de A.), caricaturista, jornalista, romancista e diplomata, nasceu em São Luís, MA, em 14 de abril de 1857, e faleceu em Buenos Aires, Argentina, em 21 de janeiro de 1913.

Era filho do vice-cônsul português David Gonçalves de Azevedo e de D. Emília Amália Pinto de Magalhães e irmão mais moço do comediógrafo Artur Azevedo. Sua mãe havia casado, aos 17 anos, com um comerciante português. O temperamento brutal do marido determinou o fim do casamento. Emília refugiou-se em casa de amigos, até conhecer o vice-cônsul de Portugal, o jovem viúvo David. Os dois passaram a viver juntos, sem contraírem segundas núpcias, o que à época foi considerado um escândalo na sociedade maranhense.

Da infância à adolescência, Aluísio estudou em São Luís e trabalhou como caixeiro e guarda-livros. Desde cedo revelou grande interesse pelo desenho e pela pintura, o que certamente o auxiliou na aquisição da técnica que empregará mais tarde ao caracterizar os personagens de seus romances. Em 1876, embarcou para o Rio de Janeiro, onde já se encontrava o irmão mais velho, Artur. Matriculou-se na Imperial Academia de Belas Artes, hoje Escola Nacional de Belas Artes. Para manter-se fazia caricaturas para os jornais da época, como *O Figaro*, *O Mequetrefe*, *Zig-Zag* e *A Semana Ilustrada*. A partir desses “bonecos” que conservava sobre a mesa de trabalho, escrevia cenas de romances.

A morte do pai, em 1878, obrigou-o a voltar a São Luís, para tomar conta da família. Ali começou a carreira de escritor, com a publicação, em 1879, do romance *Uma lágrima de mulher*, típico dramalhão romântico. Ajuda a lançar e colabora com o jornal anticlerical *O Pensador*, que defendia a abolição da escravidão, enquanto os padres mostravam-se contrários a ela. Em 1881, Aluísio lança *O mulato*, romance que causou escândalo entre a sociedade maranhense pela crua linguagem naturalista e pelo assunto tratado: o preconceito racial. O romance teve grande sucesso, foi bem recebido na Corte como exemplo de naturalismo, e Aluísio pôde retornar para o Rio de Janeiro, embarcando em 7 de setembro de 1881, decidido a ganhar a vida como escritor.

Quase todos os jornais da época tinham folhetins, e foi num deles que Aluísio passou a publicar seus romances. A princípio, eram obras menores, escritas apenas para garantir a sobrevivência. Depois, surgiu nova preocupação no universo de Aluísio: a observação e análise dos agrupamentos humanos, a degradação das casas de pensão e sua exploração pelo imigrante, principalmente o português. Dessa preocupação resultariam duas de suas melhores obras: *Casa de pensão* (1884) e *O Cortiço* (1890). De 1882 a 1895 escreveu sem interrupção romances, contos e crônicas, além de peças de teatro em colaboração com Artur de Azevedo e Emílio Rouède.

Em 1895 ingressou na diplomacia. O primeiro posto foi em Vigo, na Espanha. Depois serviu no Japão, na Argentina, na Inglaterra e na Itália. Passara a viver em companhia de D. Pastora Luquez, de nacionalidade argentina, junto com os dois filhos, Pastor e Zulema, por ele adotados. Em 1910, foi nomeado cônsul de 1ª classe, sendo removido para Assunção. Buenos Aires foi seu último posto. Ali faleceu, aos 56 anos. Foi enterrado naquela cidade. Seis anos depois, por uma iniciativa de Coelho Neto, a urna funerária de Aluísio Azevedo chegou a São Luís, onde o escritor foi sepultado.

VII – EXERCÍCIOS

1- (Unifap-AP)



"E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco."

Após análise do texto acima, fragmento do romance *O Cortiço* de Aluísio Azevedo, e da ilustração que representa um espaço urbano de Macapá, responda:

- O que o texto tem em comum com a ilustração?
- No romance, a ligação entre as personagens e o meio procura demonstrar um dos grandes princípios do Naturalismo. Que princípio é esse?
- Justifique esse princípio.

(Puccamp-SP) Para responder às questões de números 2 a 4, considere o texto abaixo.

"Num sentido restrito, Naturalismo significa o tipo de realismo que procura explicar cientificamente a conduta e o modo de ser das personagens por meio dos fatores externos, de natureza biológica e sociológica, que condicionam a vida humana. Os seres aparecem, então, como produtos. Como consequências de forças pré-existentes, que limitam a sua responsabilidade e os tornam, nos casos extremos, verdadeiros joguetes das contradições."

(Antonio Candido e José Aderaldo Castelo. *Presença da Literatura Brasileira – Realismo. Parnasianismo. Simbolismo*. São Paulo: Difel, 1974, p. 95.)

- 2- A afirmação do texto pode ser exemplificada, em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, quando o narrador
- designa as personagens Firmo e Jerônimo, respectivamente, como *o brasileiro* e *o português*, explicando, por conta dessa diferença, por que têm distintos modos de brigar.
 - mostra como a pureza de Pombinha desemboca numa vida pecaminosa, por força do meio em que se formou.
 - se dispõe a usar a imaginação e a fantasia para criar um universo que não seja possível reconhecer.

Está correto o que se afirma em:

- II, somente.
- I e II, somente.
- I e III, somente.
- II e III, somente.
- I, II e III, somente.

3- Depreende-se da leitura desse fragmento crítico que o Naturalismo:

- se opõe, no fundo, à objetividade com que o Realismo busca expressar o real.

- b) constitui um outro modo, mais incisivo e correto, de se designar a escola realista.
- c) é um estilo no qual se conservam, dentro do Realismo, alguns ideais românticos.
- d) é a corrente dos realistas que passaram a criticar seus próprios limites expressivos.
- e) é uma particularização de compromissos dentro do que se costuma chamar Realismo.

4- Ao se considerar, como nos sugere a citação, a influência dos fatores externos sobre a conduta humana, pode-se afirmar que várias inovações tecnológicas propiciadas pela Segunda Revolução Industrial transformaram e condicionaram o cotidiano da população. São inovações ocorridas durante a Segunda Revolução Industrial, a:

- a) invenção da máquina a vapor, do dínamo, do motor à explosão e do fogão a gás.
- b) introdução de novos aparelhos de telecomunicação, como o rádio e a televisão em cores.
- c) criação do tear mecânico, organização de linhas de produção e montagem em série.
- d) expansão das ferrovias e uso de novas fontes de energia, como os derivados de petróleo.
- e) revolução agrícola proporcionada pelo uso do ferro e pela nova divisão do trabalho.

(Unifesp-SP) Para responder às questões de 5 a 9, leia o trecho de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo.

"Jerônimo bebeu um bom trago de parati, mudou de roupa e deitou-se na cama de Rita.

– Vem pra cá... disse, um pouco rouco.

– Espera! espera! O café está quase pronto!

E ela só foi ter com ele, levando-lhe a chávena fumegante da perfumosa bebida que tinha sido a mensageira dos seus amores (...)

Depois, atirou fora a saia e, só de camisa, lançou-se contra o seu amado, num frenesi de desejo doído.

Jerônimo, ao senti-la inteira nos seus braços; ao sentir na sua pele a carne quente daquela brasileira; ao sentir inundar-se o rosto e as espáduas, num eflúvio de baunilha e cumaru, a onda negra e fria da cabeleira da mulata; ao sentir esmagarem-se no seu largo e peludo colo de cavouqueiro os dois globos túmidos e macios, e nas suas coxas as coxas dela; sua alma derreteu-se, fervendo e borbulhando como um metal ao fogo, e saiu-lhe pela boca, pelos olhos, por todos os poros do corpo, escandescendo, em brasa, queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprimíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra, numa agonia extrema, sobrenatural, uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno."

5- Pode-se afirmar que o enlace amoroso entre Jerônimo e Rita, próprio à visão naturalista, consiste:

- a) na condenação do sexo e consequente reafirmação dos preceitos morais.
- b) na apresentação dos instintos contidos, sem exploração da plena sexualidade.
- c) na apresentação do amor idealizado e revestido de certo erotismo.
- d) na descrição do ser humano sob a ótica do erótico e animalesco.
- e) na concepção de sexo como prática humana nobre e sublime.

6- O enlace amoroso, seja na perspectiva de Rita, seja na de Jerônimo:

- a) é sublimado, o que lhe confere caráter grotesco na obra.
- b) é desejado com intensidade e lhes aguça os ânimos.
- c) reproduz certo incômodo pelo tom de ritual que impõe.
- d) representa-lhes o pecado e a degradação como pessoa.
- e) é de sensualidade suave, pela não explicitação do ato.

7- A atração inicial entre Rita e Jerônimo não acontece na cena descrita. Segundo o texto, pode-se inferir que ela se relaciona com:

- a) uma dose de parati.
- b) a cama de Rita.
- c) uma xícara de café.
- d) o perfume de Rita.
- e) o olhar de Rita.

8- É correto afirmar que em "e nas suas coxas as coxas dela" o emprego de "dela" justifica-se pelo fato de:

- a) evitar uma ambiguidade e uma redação confusa, caso se usasse "suas" em seu lugar.
- b) exprimir valor possessivo, o que não aconteceria com o emprego do pronome "suas".
- c) ser uma forma culta, ao contrário do pronome "suas".
- d) essa forma ser a única possível, uma vez que esse termo é complemento do verbo.
- e) pretender-se evitar o valor possessivo, o que aconteceria com o emprego de "suas".

9- *O Cortiço*, obra naturalista:

- a) traduziu a sensualidade humana na ótica do objetivismo científico, o que se alinha à grande preocupação espiritual.
- b) fez análises muito subjetivas da realidade, pouco alinhadas ao cientificismo predominante na época.
- c) explorou as mazelas humanas de forma a incitar a busca por valores éticos e morais.
- d) não pôde ser considerado um romance engajado, pois deixou de lado a análise da realidade.
- e) tratou de temas de patologia social, pouco explorados nas escolas literárias que o precederam.

10- O trecho abaixo descreve o velho Botelho, agregado à casa de Miranda, vizinho do cortiço de João Romão:

Era um pobre-diabo caminhando para os setenta anos, antipático, cabelo branco, curto e duro, como escova, barba e bigode do mesmo teor; muito macilento, com uns óculos redondos que lhe aumentavam o tamanho da pupila e davam-lhe à cara uma expressão de abutre, perfeitamente de acordo com seu nariz adunco e com a sua boca em lábios: viam-se lhe ainda todos os dentes, mas, tão gastos, que pareciam limados até ao meio. Andava sempre de preto, com um guarda-chuva debaixo do braço e um chapéu de Braga enterrado nas orelhas. Fora em seu tempo empregado de comércio, depois corretor de escravos; contava mesmo que estivera mais de uma vez na África negociando negros por sua conta. Atirou-se muito às especulações; durante a guerra do Paraguai ainda ganhara forte, chegando a ser bem rico; mas a roda desandou e, de malogro em malogro, foi-lhe escapando tudo por entre as suas garras de ave de rapina. E agora, coitado, já velho, comido de desilusões, cheio de hemorróidas, via-se totalmente sem recursos e vegetava à sombra do Miranda, com quem por muitos anos trabalhou em rapaz, sob as ordens do mesmo patrão, e de quem se conservara amigo, a princípio por acaso e mais tarde por necessidade.

- a) Qual o papel decisivo de Botelho no destino de João Romão no desfecho da narrativa?
- b) Por que podemos afirmar que a descrição de Botelho é tipicamente naturalista? Copie um pequeno trecho que justifique sua resposta.

11- O trecho abaixo descreve o início do incêndio (ateado pela Bruxa no início da luta entre carapicus e cabeças-de-gato), que destrói o cortiço de João Romão:

Desferiram-se navalhas contra navalhas, jogaram-se as cabeçadas e os voa-pés. Par a par, todos os capoeiras tinham pela frente um adversário de igual destreza que respondia a cada investida com um salto de gato ou uma queda repentina que anulava o golpe. De parte a parte esperavam que o cansaço desequilibrasse as forças, abrindo furo à vitória; mas um fato veio neutralizar inda uma vez a campanha: imenso rebentão de fogo esgargalhava-se de uma das casas do fundo, o número 88. E agora o incêndio era a valer.

Houve nas duas maltas um súbito espasmo de terror, abaixaram-se os ferros e calou-se o hino de morte. Um clarão tremendo ensanguentou o ar, que se fechou logo de fumaça fulva.

A Bruxa conseguira afinal realizar o seu sonho de louca: o cortiço ia arder; não haveria meio de reprimir aquele cruento devorar de labaredas. (...)

A Bruxa surgiu à janela de sua casa, como á boca de uma fornalha acesa. Estava horrível; nunca fora tão bruxa. O seu moreno trigueiro, de cabocla velha, reluzia que nem metal em brasa; a sua crina preta, desgrenhada, escorrida e abundante como as das éguas selvagens, dava-lhe um caráter fantástico de fúria saída do inferno. E ela ria-se, ébria de satisfação, sem sentir as queimaduras e as feridas, vitoriosa no meio daquela orgia de fogo, com que ultimamente vivia a sonhar em segredo a sua alma extravagante de maluca.

- a) Explique por que, apesar da destruição do cortiço, podemos afirmar que o incêndio foi vantajoso para João Romão.
- b) Por que podemos afirmar que a descrição da Bruxa é tipicamente naturalista? Copie um pequeno trecho que justifique sua resposta.

Gabarito dos Exercícios

- 1- a) O texto descreve um ambiente miserável, em que as pessoas vivem em condições de vida subumanas. O mesmo ocorre na ilustração.
- b) O princípio do Determinismo do meio.
- c) Segundo os naturalistas, baseados nas teorias deterministas, o homem é produto do meio, age em função das influências que este exerce sobre sua história, sua configuração biológica e sua personalidade.

2- Alternativa B – O que se afirma em III está incorreto porque, na literatura naturalista, a imaginação e a fantasia estão subordinadas à observação da realidade, seu registro fiel na obra de ficção e sua análise imparcial, apoiada em teses científicas. O universo retratado é a realidade contemporânea, imediatamente reconhecível pelo leitor, na maioria das vezes.

3 – Alternativa E – O Naturalismo é uma particularização do Realismo que, como afirmam os críticos, “procura explicar cientificamente a conduta e o modo de ser das personagens por meio dos fatores externos, de natureza biológica e sociológica, que condicionam a vida humana”.

4 – Alternativa D – A Segunda Revolução Industrial (c. 1850-1870) é o momento da expansão das ferrovias e do incremento do uso dos navios a vapor, bem como do desenvolvimento da indústria química, elétrica, de petróleo e de aço.

5- Alternativa D – A relação entre Jerônimo e Rita é descrita apenas sob seus aspectos fisiológicos e sensuais: “frenesi de desejo doido”, “sentir na sua pele a carne quente”, “sentir esmagarem-se no seu largo e peludo colo de cavouqueiro os dois globos túmidos e macios, e nas suas coxas as coxas dela”.

6- Alternativa B – Expressões como “frenesi de desejo doido” e “sua alma derretou-se”, usadas para falar das sensações de Rita e Jerônimo, comprovam a resposta.

7- Alternativa A – O acerto da alternativa fica claro em “- Espera! espera! O café está quase pronto! E ela só foi ter com ele, levando-lhe a chávena fumegante da perfumosa bebida que tinha sido a mensageira dos seus amores (...)”.

8- Alternativa A – Se em vez de “dela” o autor tivesse utilizado “suas”, a repetição do possessivo, que já aparece antes na frase, a deixaria confusa: “e nas suas coxas as coxas suas”.

9- Alternativa E – “Temas de patologia social” pouco aparecem na literatura antes da escola do Naturalismo. *O Cortiço* é um belo exemplo de literatura a serviço de uma representação analítica dos problemas sociais enfrentados pelas populações desfavorecidas economicamente.

10- a) Botelho é o responsável não só por intermediar a aproximação de João Romão ao Miranda e acertar o casamento do dono do cortiço com Zulmira. Ele também é o responsável por encontrar o filho do antigo proprietário de Bertoleza e combinar sua restituição, o que resolve o problema de João Romão: ter de se livrar da escrava para poder se casar com Zulmira.

b) A descrição de Botelho é detalhista, com traços caricaturescos e, principalmente, por meio da zoomorfização ou animalização de suas características, como fica claro no trecho “uma expressão de abutre, perfeitamente de acordo com seu nariz adunco e com a sua boca em lábios”. Ocorre também o psicofisiologismo: os traços de “abutre” de Botelho combinam com sua personalidade de predador, o que vem reforçado no trecho: “por entre as suas garras de ave de rapina”.

11- a) O incêndio foi vantajoso para João Romão por três motivos: 1º) ele havia segurado as construções, o que lhe rendeu um bom dinheiro; 2º) durante o incêndio, ele se apossou das economias do velho Libório; 3º) o incêndio permitiu-lhe reconstruir o cortiço em novas e mais lucrativas bases.

b) Porque na sua descrição ocorre uma animalização: “O seu moreno trigueiro, de cabocla velha, reluzia que nem metal em brasa; a sua crina preta, desgrenhada, escorrida e abundante como as das éguas selvagens”.

VIII – TRECHOS PARA LEITURA

1 - O despertar do cortiço (Capítulo III)

III

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.

A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um farto acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas.

Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons

de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saíam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.

Duas janelas do Miranda abriram-se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

— Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cusuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?

A Leonor surgiu logo também, enfiando curiosa a carapinha por entre o pescoço e o ombro da mulata.

O padeiro entrou na estalagem, com a sua grande cesta à cabeça e o seu banco de pau fechado debaixo do braço, e foi estacionar em meio do pátio, à espera dos fregueses, pousando a canastra sobre o cavalete que ele armou prontamente. Em breve estava cercado por uma nuvem de gente. As crianças adulavam-no, e, à proporção que cada mulher ou cada homem recebia o pão, disparava para casa com este abraçado contra o peito. Uma vaca, seguida por um bezerro amordaçado, ia, tilintando tristemente o seu chocalho, de porta em porta, guiada por um homem carregado de vasilhame de folha.

O zunzum chegava ao seu apogeu. A fábrica de massas italianas, ali mesmo da vizinhança, começou a trabalhar, engrossando o barulho com o seu arfar monótono de máquina a vapor. As corridas até à venda reproduziam-se, transformando-se num verminar constante de formigueiro assanhado. Agora, no lugar das bicas apinhavam-se latas de todos os feitios, sobressaindo as de querosene com um braço de madeira em cima; sentia-se o trapejar da água caindo na folha. Algumas lavadeiras enchem já as suas tinhas; outras estendem nos coradouros a roupa que ficara de molho. Principiava o trabalho. Rompiam das gargantas os fados portugueses e as modinhas brasileiras. Um carroção de lixo entrou com grande barulho de rodas na pedra, seguido de uma algazarra medonha algaraviada pelo carroceiro contra o burro.

E, durante muito tempo, fez-se um vaivém de mercadores. Apareceram os tabuleiros de carne fresca e outros de tripas e fatos de boi; só não vinham hortaliças, porque havia muitas hortas no cortiço. Vieram os ruidosos mascates, com as suas latas de quinquilharia, com as suas caixas de candeeiros e objetos de vidro e com o seu fornecimento de caçarolas e chocolateiras, de folha-de-flandres. Cada vendedor tinha o seu modo especial de apregoar, destacando-se o homem das sardinhas, com as cestas do peixe dependuradas, à moda de balança, de um pau que ele trazia ao ombro.

Nada mais foi preciso do que o seu primeiro guincho estridente e gutural para surgirem logo, como por encanto, uma enorme variedade de gatos, que vieram correndo acercar-se dele com grande familiaridade, roçando-se-lhe nas pernas arregaçadas e miando suplicantemente. O sardineiro os afastava com o pé, enquanto vendia o seu peixe à porta das casinhas, mas os bichanos não desistiam e continuavam a implorar, arranhando os cestos que o homem cuidadosamente tapava mal servia ao freguês. Para ver-se livre por um instante dos

importunos era necessário atirar para bem longe um punhado de sardinhas, sobre o qual se precipitava logo, aos pulos, o grupo dos pedinchões.

(...)

2 – O “visconde” e a escrava

XXI

Ao mesmo tempo, João Romão, em chinelas e camisola, passeava de um para outro lado no seu quarto novo. Um aposento largo e forrado de azul e branco com florinhas amarelas fingindo ouro; havia um tapete aos pés da cama, e sobre a peniqueira um despertador de níquel, e a mobília toda era já de casados, porque o esperto não estava para comprar móveis duas vezes.

Parecia muito preocupado; pensava em Bertoleza que, a essas horas, dormia lá embaixo num vão de escada, aos fundos do armazém, perto da comua.

Mas que diabo havia ele de fazer afinal daquela peste?

E coçava a cabeça, impaciente por descobrir um meio de ver-se livre dela.

É que nessa noite o Miranda lhe falara abertamente sobre o que ouvira de Botelho, e estava tudo decidido: Zulmira aceitava-o para marido e Dona Estela ia marcar o dia do casamento.

O diabo era a Bertoleza!...

E o vendeiro ia e vinha no quarto, sem achar uma boa solução para o problema.

Ora, que raio de dificuldade armara ele próprio para se coser!... Como poderia agora mandá-la passear assim, de um momento para outro, se o demônio da crioula o acompanhava já havia tanto tempo e toda a gente na estalagem sabia disso?

E sentia-se revoltado e impotente defronte daquele tranquilo obstáculo que lá estava embaixo, a dormir, fazendo-lhe em silêncio um mal horrível, perturbando-lhe estupidamente o curso da sua felicidade, retardando-lhe, talvez sem consciência, a chegada desse belo futuro conquistado à força de tamanhas privações e sacrifícios! Que ferro!

Mas, só com lembrar-se da sua união com aquela brasileira fina e aristocrática, um largo quadro de vitórias rasgava-se defronte da desensofrida avidez da sua vaidade. Em primeiro lugar fazia-se membro de uma família tradicionalmente orgulhosa, como era, dito por todos, a de Dona Estela; em segundo lugar aumentava consideravelmente os seus bens com o dote da noiva, que era rica e, em terceiro, afinal, caber-lhe-ia mais tarde tudo o que o Miranda possuía, realizando-se deste modo um velho sonho que o vendeiro afagava desde o nascimento da sua rivalidade com o vizinho.

E via-se já na brilhante posição que o esperava: uma vez de dentro, associava-se logo com o sogro e iria pouco a pouco, como quem não quer a coisa, o empurrando para o lado, até empolgar-lhe o lugar e fazer de si um verdadeiro chefe da colônia portuguesa no Brasil; depois, quando o barco estivesse navegando ao largo a todo o pano — tome lá alguns pares de contos de réis e passe-me para cá o título de Visconde!

Sim, sim, Visconde! Por que não? e mais tarde, com certeza, Conde! Eram favas contadas!

Ah! ele, posto nunca o dissera a ninguém, sustentava de si para si nos últimos anos o firme propósito de fazer-se um titular mais graduado que o Miranda. E, só depois de ter o título nas unhas, é que iria à Europa, de passeio, sustentando grandeza, metendo invejas, cercado de adulações, liberal, pródigo, brasileiro, atordoando o mundo velho com o seu ouro novo americano!

E a Bertoleza? gritava-lhe do interior uma voz impertinente.

— É exato! E a Bertoleza?... repetia o infeliz, sem interromper o seu vaivém ao comprido da alcova.

Diabo! E não poder arredar logo da vida aquele ponto negro; apagá-lo rapidamente, como quem tira da pele uma nódoa de lama! Que raiva ter de reunir aos voos mais fulgurosos da sua ambição a ideia mesquinha e ridícula daquela inconfessável concubinação! E não podia deixar de pensar no demônio da negra, porque a maldita ali estava perto, a rondá-lo ameaçadora e sombria; ali estava como o documento vivo das suas misérias, já passadas mas ainda palpantes. Bertoleza devia ser esmagada, devia ser suprimida, porque era tudo que havia

de mau na vida dele! Seria um crime conservá-la a seu lado! Ela era o torpe balcão da primitiva bodega; era o aladroadado vintezinho de manteiga em papel pardo; era o peixe trazido da praia e vendido à noite ao lado do fogareiro à porta da taberna; era o frege imundo e a lista cantada das comezainas à portuguesa; era o sono roncado num colchão fétido, cheio de bichos; ela era a sua cúmplice e era todo seu mal— devia, pois, extinguir-se! Devia ceder o lugar à pálida mocinha de mãos delicadas e cabelos perfumados, que era o bem, porque era o que ria e alegrava, porque era a vida nova, o romance solfejado ao piano, as flores nas jarras, as sedas e as rendas, o chá servido em porcelanas caras; era enfim a doce existência dos ricos, dos felizes e dos fortes, dos que herdaram sem trabalho ou dos que, a puro esforço, conseguiram acumular dinheiro, rompendo e subindo por entre o rebanho dos escrupulosos ou dos fracos. E o vendeiro tinha defronte dos olhos o namorado sorriso da filha do Miranda, sentia ainda a leve pressão do braço melindroso que se apoiara ao seu, algumas horas antes, em passeio pela praia de Botafogo; respirava ainda os perfumes da menina, suaves, escolhidos e penetrantes como palavras de amor; nos seus dedos grossos, curtos, ásperos e vermelhos, conservava a impressão da tépida carícia daquela mãozinha enluvada que, dentro em pouco, nos prazeres garantidos do matrimônio, afagar-lhe-ia as carnes e os cabelos.

Mas, e a Bertoleza?...

Sim! era preciso acabar com ela! despachá-la! sumi-la por uma vez!

Deu meia-noite no relógio do armazém. João Romão tomou uma vela e desceu aos fundos da casa, onde Bertoleza dormia. Aproximou-se dela, pé ante pé, como um criminoso que leva uma ideia homicida.

A crioula estava imóvel sobre o enxergão, deitada de lado, com a cara escondida no braço direito, que ela dobrara por debaixo da cabeça. Aparecia-lhe uma parte do corpo nua.

João Romão contemplou-a por algum tempo, com asco.

E era aquilo, aquela miserável preta que ali dormia indiferentemente, o grande estorvo da sua ventura!... Parecia impossível!

— E se ela morresse?...

Esta frase, que ele tivera, quando pensou pela primeira vez naquele obstáculo à sua felicidade, tornava-lhe agora ao espírito, porém já amadurecida e transformada nesta outra:

— E se eu a matasse?

Mas logo um calafrio de pavor correu-lhe por todos os nervos.

Além disso, como?... Sim, como poderia despachá-la, sem deixar sinais comprometedores do crime?... Envenenando-a?... Dariam logo pela coisa!... Matá-la a tiro?... Pior! Levá-la a um passeio fora da cidade, bem longe e, no melhor da festa, atirá-la ao mar ou por um despenhadeiro, onde a morte fosse infalível?... Mas como arranjar tudo isso, se eles nunca passeavam juntos?...

Diabo!

E o desgraçado ficou a pensar, abstrato, de castiçal na mão, sem despregar os olhos de cima de Bertoleza, que continuava imóvel, com o rosto escondido no braço.

— E se eu a esganasse aqui mesmo?...

E deu, na ponta dos pés, alguns passos para frente, parando logo, sem deixar nunca de contemplá-la.

Mas a crioula ergueu de improviso a cabeça e fitou-o com os olhos de quem não estava dormindo.

— Ah! fez ele.

— Que é, seu João?

— Nada. Vim só ver-te... Cheguei ainda não há muito... Como vais tu? Passou-te a dor do lado?...

Ela meneou os ombros, sem responder ao certo. Houve um silêncio entre os dois. João Romão não sabia o que dizer e saiu afinal, escoltado pelo imperturbável olhar da crioula, que o intimava mesmo pelas costas.

— Teria desconfiado? pensou o miserável, subindo de novo para o quarto. Qual! Desconfiar de quê?...

E meteu-se logo na cama, disposto a não pensar mais nisso e dormir incontinenti. Mas o seu pensamento continuou rebelde a parafusar sobre o mesmo assunto.

— É preciso despachá-la! É preciso despachá-la quanto antes, seja lá como for! Ela, até agora, não deu ainda sinal de si; não abriu o bico a respeito da questão; mas, Dona Estela está a marcar o dia do casamento; não levará muito tempo para isso... o Miranda naturalmente comunica a notícia aos amigos... o fato corre de boca em boca... chega aos ouvidos da crioula e esta, vendo-se abandonada, estoura! estoura com certeza! E agora o verás! Como deve ser bonito, hein?... Ir tão bem até aqui e esbarrar na oposição da negra!... E os comentários depois!... O que não dirão os invejosos lá da praça?... "Ah, ah! ele tinha em casa uma amiga, uma preta imunda com quem vivia! Que tipo! Sempre há de mostrar que e gatinha de laia muito baixa!... E aqui a engazopar-nos com uns ares de capitalista que se trata à vela de libra! Olha o carapicu pra que havia de dar. Sai sujo!" E, então, a família da menina, com medo de cair também na boca do mundo, volta atrás e dá o dito por não dito! Bem sei que ela está a par de tudo; isso, olé, se está! mas finge-se desentendida, porque conta, e com razão, que eu não serei tão parvo que espere o dia do casamento sem ter dado sumiço à negra! contam que a coisa correrá sem o menor escândalo! E eu, no entanto, tão besta que nada fiz! E a peste da crioula está ai senhora do terreiro como dantes, e não descubro meio de ver-me livre dela!... Ora já se viu como arranjei semelhante entalção?... Isto contado não se acredita!

E pisava e repisava o caso, sem achar meio de dar-lhe saída!

Diabo!

(...)

3 – A morte de Bertoleza

XXIII

(...)

Ao chegarem à casa, João Romão pediu ao cúmplice [Miranda] que entrasse e levou-o para o seu escritório.

— Descanse um pouco... disse-lhe.

— É, se eu soubesse que eles se não demoravam muito ficava para ajudá-lo.

— Talvez só venham depois do jantar, tornou aquele, assentando-se à carteira.

Um caixeiro aproximou-se dele respeitosamente e fez-lhe várias perguntas relativas ao serviço do armazém, ao que João Romão respondia por monossílabos de capitalista; interrogou-o por sua vez e, como não havia novidade, tomou Botelho pelo braço e convidou-o a sair.

— Fique para jantar. São quatro e meia, segredou-lhe na escada.

Já não era preciso prevenir lá defronte porque agora o velho parasita comia muitas vezes em casa do vizinho.

O jantar correu frio e contrafeito; os dois sentiam-se ligeiramente dominados por um vago sobressalto. João Romão foi pouco além da sopa e quis logo a sobremesa.

Tomavam café, quando um empregado subiu para dizer que lá embaixo estava um senhor, acompanhado de duas praças, e que desejava falar ao dono da casa.

— Vou já, respondeu este. E acrescentou para o Botelho: — São eles!

— Deve ser, confirmou o velho.

E desceram logo.

— Quem me procura?... exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém.

Um homem alto, com ar de estróina, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel.

João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a defronte dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio formou-se em torno dele; os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que entrava a polícia.

- Está aqui com efeito... disse afinal o negociante. Pensei que fosse livre...
- É minha escrava, afirmou o outro. Quer entregar-ma?...
- Mas imediatamente.
- Onde está ela?
- Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar...

O sujeito fez sina! aos dois urbanos, que o acompanharam logo, e encaminharam-se todos para o interior da casa. Botelho, à frente deles, ensinava-lhes o caminho. João Romão ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas.

Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras, no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo.

Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

— É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. — Prendam-na! É escrava minha!

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca! trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.

IX – BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Aluísio – *O Cortiço*, comentários e notas de Cristiane Escolastico Sinischalchi. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 2004.
- AUERBACH, Erich - "Germinie Lacerteux" in *Mimesis*. Perspectiva, São Paulo, 1987.
- BOSI, Alfredo - *História concisa da literatura brasileira*. Cultrix, São Paulo, s/d.
- CANDIDO, Antonio - "De cortiço a cortiço" in *Novos estudos CEBRAP*, nº 30, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. São Paulo, julho de 1991.
- FERREIRA, Luiz Antônio – *Roteiro de Leitura: "O Cortiço" de Aluísio Azevedo*. Ática: São Paulo, 1997.
- LUKÁCS, Georg - "Narrar ou descrever" in *Ensaio sobre literatura*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.
- MOURÃO, Rui – "Um mundo de galegos e cabras" in *O Cortiço*. Ática, São Paulo, 2006.
- OLIVEIRA, Edna Martins de. "Uma vida em cortiço" in *O Cortiço*. FTD, São Paulo, 1998.
- PEREIRA, Lúcia Miguel - *Prosa de ficção (de 1870 a 1920) - História da literatura brasileira*. Itatiaia / Editora da Universidade de São Paulo, Belo Horizonte, 1988.
- PETRONIO, Rodrigo – "Diários de um clássico" in *O Cortiço*. Saraiva, São Paulo, 2008.
- SANT'ANNA, Afonso Romano de – *Análise estrutural de romances brasileiros*. Ática, 1990.